

REVISTA



PALETA



nº 6 - ano III - Fevereiro 2023



Ana Sel

AMIGOS DA PINACOTECA

Diretor Executivo

Iaperi Soares de Araújo

Diretora Administrativa Financeira

Emanoel Ferreira

Diretor Técnico

Antônio Marques e Carvalho Júnior

Secretária Executiva

Maria Geruza Soares Câmara

Contador

Ramires Martins de Sousa

Editor da Revista Paleta

Alfredo Neves

Assessoria de Imprensa

Sérgio Lima

Conselho Fiscal

. Emanuel Ferreira do Nascimento

. Daniel Melo de Lima Martins

. Rosa Maria da Costa

. Felipe Fernando N. M. Nascimento

. Cláudio Marques Alves

Conselho Editorial

Isaura Amélia

Manoel Onofre Neto

Dione Caldas

Maria Geruza Soares Câmara

Vicente Vitoriano

Alex Gurgel

Adriano Caldas

Thiago Gonzaga

Cláudio Damasceno

Diagramação

Edilson Martins

*O conteúdo dos textos é de inteira
responsabilidade dos autores

Sumário

Editorial:	03
Cenas que emocionam.....	04
O que o podemos aprender com o mito da caverna?.....	06
Ascendências materiais e técnicas.....	08
Uma curiosa mesa-redonda.....	12
Autorretrato do Brasil de 200 anos.....	14
A arte literária de David de Medeiros Leite: 2020.....	16
Indiscreto.....	19
Dos amores de carnaval.....	20
Diálogos poéticos.....	22
Sonhar na longevidade, descobrindo o EU do meu EU....	23
Turismo e as interfaces atuais.....	24
O universo criativo de Manxa.....	25
A pré-história na região de Canguaretama.....	28
Coleção Juliano Escóssia de imagens de São Francisco....	30
Quatro olhares contemporâneos.....	32
Getúlio Moura Xavier um artista surrealista no Vale do Assu....	35
As mulheres na história das artes visuais brasileiras....	38
NAVEGANTES Espaço Literário.....	40
A paixão segundo Rilke.....	45
Um espelho encantado para Macau	50
Restauração do monumento Miguel Carrilho	52



Capa:

Título: "Árvore da vida
Matheus e Mariana"

Painel Med 80x100

Pintura acrílica sobre tela

Editorial

O Número 6 da Paleta chega até nós junto com o período momesco. E Carnaval não é só a festa da carne, é cultura, leitura, releitura, desfile de cores, escolas de samba, fantasias, troças, diversidade, permissividade como sinônimo de tolerância e ruptura de alguns preceitos e conceitos. Todavia, essa ruptura não é um passaporte para o descabro a ponto de tornar o período um caos em nome dessa liberdade que tem o único objetivo de ser exatamente um importante momento de cobranças de humanidade e respeito para com todos os credos e cultura.

Logo adiante, a partir da Quarta-Feira de Cinzas, inicia-se então a Quaresma, a Semana Santa e logo, em seguida, estaremos na Páscoa. O Carnaval é uma criação, festa pagã que se estipulou uma data de início e fim, não impede que tenhamos outros carnavais em outras datas, ou o nosso carnaval, o paganismo manifesto quase que permanentemente no nosso imaginário e na nossa carne.

A Arte é uma espécie de ruptura permanente, é como se fosse o carnaval das técnicas, estéticas no mundo das artes visuais. A Paleta chega com espaços de matizes e gêneros diversos, páginas com percepções convidativas para a análise e reflexão sobre o mundo da literatura e das artes plásticas.

Contemplem as páginas da Paleta, elas são espaços de ideias para a construção e manutenção permanente de um veículo que respire literatura e arte. Escreva e acolheremos o seu artigo, engendre modernidade e contemporaneidade artística, ou figurativismo seja ele de diversos segmentos estéticos e estaremos inserindo nas nossas páginas. A Paleta é um caminhar permanente e, assim, cremos que ela se torne cada vez mais o seu meio de divulgação sobre o que você pensa e o que podemos questionar sobre o seu e o nosso pensar.

Eis que aqui estamos para a contemplação das nossas páginas e as devidas críticas necessárias para a nossa existência.

Obrigado!

Alfredo Neves



Alberto da Hora

Escritor, músico, cantor e regente de corais

Cenas que emocionam

Este era o título de uma sessão da revista *Cine-
mim*, que todo mês publicava a foto de uma
cena de filme, considerada interessante. Posso
também chamar de “cenas marcantes” a relação que
vou fazer agora de alguns momentos do cinema que
eu considero inesquecíveis. Algumas opiniões podem
parecer redundantes, mas não tem problema; não de-
vemos nos incomodar com estas coisas.

Luzes da Cidade – Não poderia faltar o que
alguns críticos consideram uma aula de
representação: na cena final, o vagabundo é
reconhecido pela florista, outrora cega, a quem ele,
incógnito, ajudara a recuperar a visão. Emoção pura.
Marcante também é uma das cenas iniciais, quando
Carlitos atrapalha a inauguração de um monumento,
ao ser descoberto dormindo no colo de uma das
estátuas.

O Garoto – O menino enjeitado, e criado por
Carlitos chora em desespero ao ser forçado a
abandonar a companhia do protetor, levado pelos
funcionários de uma instituição de proteção ao
menor. O desempenho de Jackie Coogan, ator mirim,
é comovente.

O Circo – Carlitos na corda-bamba é atacado

por um bando de macacos que tornam comicamente perigoso o seu número.

Quanto mais Quente Melhor – No papel mais sensual de sua carreira, Marilyn Monroe seduz Tony Curtis, com a intenção de ajudá-lo a curar-se de uma alegada, porém falsa, impotência. Na cena final, o milionário personagem de Joe E. Brown descobre que a pretensa namorada é, na verdade, Jack Lemmon travestido. Não se dá por achado e, decidido, solta a emblemática frase: “Ninguém é perfeito!...”

True Lies – Em um quarto de hotel, Jamie-Lee Curtis encena um erótico e engraçado strip-tease, sob as vistas do marido, que, oculto na escuridão e sem o seu conhecimento, provocou toda a cena.

Cinema

Paradiso – Nas cenas finais, de volta à cidade natal, o protagonista revê trechos dos filmes da sua infância, editadas pelo amigo projetorista, recém-falecido, como lembrança da antiga amizade. Muito bonito.

Casablanca – A cena final, no aeroporto, é de grande beleza plástica e singularmente enigmática. A famosa cena do piano (“Toque outra vez, Sam”), foi banalizada pelas controvérsias.

Meu Ódio será tua Herança – O tiroteio sangrento que representa uma inovação nos westerns é a cena mais marcante desse maravilhoso filme de Sam Peckinpah.

Os Brutos também amam – O filho do fazendeiro (Brandon de Wilde, garoto), a quem o protagonista (Alan Ladd) ajudou, corre desesperado tentando, inutilmente, impedir a sua partida. É

comovente a desolação do menino.

O Grande Ditador – O discurso final do barbeiro/Chaplin, dirigido a Hannah, é um dos mais belos momentos na história do cinema.

Psicose – Janet Leigh morta a facadas pelo alter-ego de Anthony Perkins é a lembrança recorrente desse filme. Interessante, também, a cena em que Martim Balsam é assassinado na escadaria da pensão, onde ocorreram outros crimes.

Meu Tio – O personagem de Jacques Tati às voltas com as geringonças modernas instaladas no jardim do cunhado, tentando chegar à entrada da casa. Hilariante.



Cantando na Chuva – O cômico, louco e acrobático ballet de Cosmo Brown (Donald O'Connor), exaltando as vantagens do humor (“...faça rir, faça rir”); ou o número “Broadway Melodie”,

protagonizado por Gene Kelly. A dança na chuva, simples e bela, faz parte da história. Viridiana – A heroína, recém saída do convento, promove um banquete para vários mendigos e outros desvalidos do bairro. Ao final do jantar, eles, embriagados, tentam estuprá-la.

A Festa de Babette – O lauto, imponente e emblemático jantar oferecido pela protagonista francesa aos moradores do vilarejo na costa da Dinamarca, que escolheu para viver.

Crepúsculo dos Deuses – A cena final, quando a personagem de Gloria Swanson, atriz decadente e no princípio da demência, imagina-se, num momento da vida real, protagonizando uma cena de filme. Clássico de Billy Wilder.



José Wellington de Paiva

Engenheiro Químico.
Especialização em Engenharia de
Processamento de Petróleo e
MBA em Gestão estratégica de
negócios pela USP

O que o podemos aprender com o mito da caverna?

Platão foi discípulo de Sócrates e escreveu toda sua obra na forma de diálogos. Um dos mais famosos é a **República** que contém uma metáfora chamada de Mito da Caverna. O diálogo travado entre Sócrates, personagem principal, e Glauco, seu interlocutor, visa apresentar ao leitor a teoria platônica sobre o conhecimento da verdade e a necessidade de que o governante da cidade tenha acesso a esse conhecimento. Enfim, discute a teoria do conhecimento, a linguagem e educação para a construção de um estado ideal.

A **República** idealizada pelo filósofo se refere a uma cidade ideal, chamada de **Kallipolis**. Nela, deveria ser adotado um novo tipo de aristocracia. Diferente da aristocracia tradicional, baseada em bens e na tradição, a proposta do filósofo é que esta possua como critério o conhecimento.

A **Kallipolis** estaria dividida em estratos sociais baseados no conhecimento e seria governada pelo "rei-filósofo". Os magistrados, responsáveis pelo governo da cidade, seriam aqueles que possuísem uma aptidão natural para o conhecimento, e, somente após um longo período de formação, estariam preparados para ocupar os devidos cargos.

Agora, vamos a descrição da metáfora, Mito da Caverna:

Imagine uma caverna habitada por seres humanos que dela nunca saíram e na qual há uma fogueira que projetam sombras de objetos. Amarrados uns aos outros, enxergam apenas uma parede ao fundo da caverna.

Em frente à luz homens e coisas se movem. Os

habitantes da caverna nada podem ver além das sombras dos objetos projetadas no fundo da caverna, nada podem escutar se não os ecos das vozes dos homens que carregam os objetos.

Por nunca terem visto outra coisa, os habitantes da caverna acreditam que as sombras projetadas na caverna são a única verdade, a própria realidade. Confundem o eco das vozes escutadas, pensando serem emitidas pelas próprias sombras.

Porém um dos habitantes da caverna consegue se soltar das correntes, se volta para a luz e começa a subir em direção à entrada da caverna. Com sua visão ainda ofuscada pela luz começa a se habituar às novas imagens com que se depara. Aos poucos passa a ver os objetos se movendo e gerando as sombras.

Percebe nos objetos mais detalhes e mais beleza que as sombras que antes via projetadas na caverna. As sombras agora lhe parecem algo irreal, limitadas, apenas uma representação pobre dos objetos.

Segue para a extremidade da caverna e enxerga várias coisas em si mesmas, objetos dos quais apenas percebia sombras. Vê a luz do sol e seu reflexo em todas as coisas.

O habitante percebe agora que estas coisas são a realidade. Triste por seus companheiros da caverna,

reféns de sua ignorância sobre as causas últimas das coisas, decide retornar a fim de libertar seus irmãos das correntes que os prendem à escravidão da ignorância.

Quando retorna à caverna é recebido como louco. Seus amigos, acorrentados e vendo nada além das sombras dos objetos, reconhecem apenas a realidade que pensam ser verdadeira, as próprias sombras.

Quais os significados da alegoria da caverna?

Os prisioneiros da caverna são os homens comuns, ou seja, somos nós mesmos, que vivemos em nosso mundo limitado, presos em nossas crenças costumeiras. Além disso, os prisioneiros se consideram livres pois não tem noção de outro mundo, além do seu.

A caverna é o nosso corpo e os nossos sentidos, fonte de um conhecimento que, segundo Platão, é errôneo e enganoso. As correntes significam a ignorância que

prendem os povos, que pode ser representada pelas crenças, culturas e outras informações de senso comum que são absorvidas ao longo da vida.

As sombras na parede e os ecos na caverna nunca são projetadas exatamente do modo como os objetos que os ocasionam são. As sombras são distorções das imagens e os ecos são distorções sonoras. Por isso, esses elementos simbolizam as opiniões erradas e o conhecimento preconceituoso do senso comum que julgamos ser verdadeiro.

A saída da caverna significa buscar o conhecimento verdadeiro em função de sempre existir alguém que não se conforma com a sua realidade.

A luz solar que ofusca a visão do prisioneiro liberto e o coloca em uma situação de desconforto, é o conhecimento verdadeiro, a razão e a filosofia.

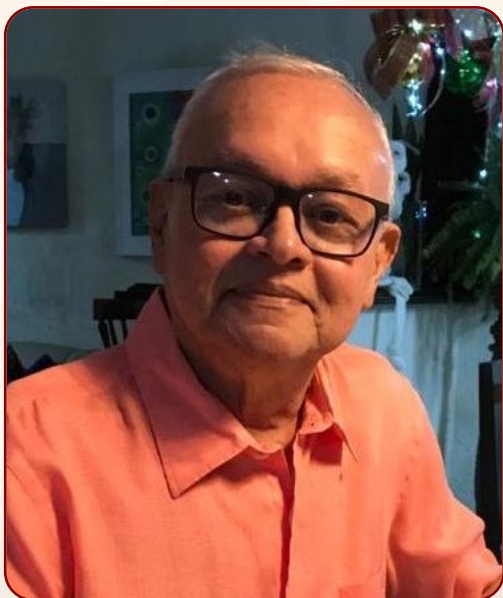
A recusa dos prisioneiros em acreditar na



existência de um mundo externo significa que deve existir uma etapa preparatória para se conseguir sair das sombras, enfim para enxergar as coisas como elas realmente são. É como diz o provérbio: Não se consegue dar à luz a uma mulher que não está grávida.

Este mito sintetiza muito conhecimento num exemplo único e, em que pese ter sido idealizado para a política, muito se relaciona com a nossa vida corporativa. Muito nos conformamos em contemplar somente as sombras e ecos sem, muitas vezes, buscar as verdadeiras causas dos problemas impedindo que melhorias e os resultados sejam alcançados. E, por exigir esforço, disciplina e dedicação não nos libertamos e não escalamos a caverna em busca da luz do sol para ir além do pensamento comum. Assim, comprometemos a entrega de resultados que é vital para nossa sobrevivência corporativa.

Ascendências materiais e técnicas



Vicente Vitoriano

Professor, artista visual, cantor,
 crítico de arte e curador de artes

A exposição “Ascendências” foi realizada entre 15 e 29 de setembro de 2022, na Galeria Conviv’art, do Núcleo de Arte e Cultura – NAC, da UFRN. Constou de pinturas e desenhos pintados de minha autoria e de esculturas da ceramista Ana Antunes. Esta foi a terceira exposição que fiz em parceria com a artista – antes, fizéramos “Prima facie” (2004) e “Diálogos elementais” (2015). Cada de um de nós efetivou a curadoria de seus próprios trabalhos e tivemos expografia orientada e coordenada por Elidete Alencar. Evidentemente, critérios muito pessoais conduziram as escolhas que fiz.

A ideia do título veio de um conceito concebido por Ana Antunes que remetia à ancestralidade, também incidindo na espiritualidade da própria artista. No caso do meu trabalho, o conceito foi associado à materialidade dos meios usados nas obras e à sua condição de recorrência ao longo de, pelo menos, cinquenta anos de atividade como artista. Neste texto não discuto este conceito de uma forma direta, mas apresento ao leitor faces da complexidade que envolve a minha prática artística em suas constantes variações nos processos criativos e nas eleições de materiais e temas com que desenvolvo minha obra.



FIG 04. PAISAGEM COM FIGURA - VITÓRIA

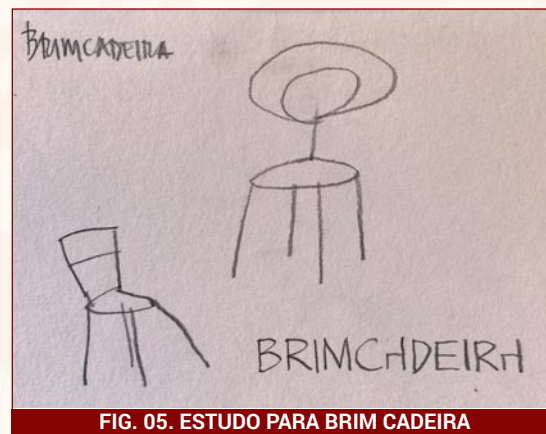


FIG. 05. ESTUDO PARA BRIM CADEIRA

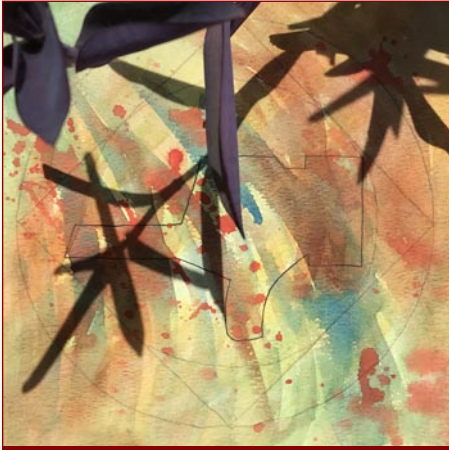


FIG. 01. SOMBRAS PROJETADAS



FIG. 02. DELINEAMENTO DE SOMBRAS



FIG. 03. TRABALHO COM SOMBRAS CONCLUÍDO

Sem um projeto teórico ou técnico a seguir, os exercícios compilados para a exposição foram criados a partir de 2019 e executados até 2022. Em geral, eles decorriam da escolha do material a ser usado e, vez ou outra, da atenção dada a estudos de formas vegetais ou de variações sobre “achados” de obras de vários artistas que divulgam seus trabalhos na internet. Em sua quase totalidade, os exercícios resultaram da associação destas formas a um tipo de material ou à mistura deles. Cabe aqui anotar que uma série, a maior feita nesse período e não incluída na mostra, foi fruto de um acaso, ainda em março de 2019: na realização do díptico “Thumbs up and down”, coloquei o papel manchado com aguadas e respingos de aquarela para secar ao sol e nele acabaram sendo projetadas sombras de uma planta que estava na improvisada mesa de secagem; já num papel em branco, segui o contorno das sombras com grafite, originando o que se materializou em silhuetas das formas vegetais (Fig. 01, Fig. 02 e Fig. 03).

A seguir, comento cada conjunto de obras expostas, seguindo a ordem cronológica de sua produção. Na montagem, a expografia não

explorou este critério e preferiu agrupamentos de obras ora por sua temática, ora pelo material utilizado.

Entre abril e agosto de 2019 produzi uma série de quatro dípticos (“Figuras com paisagem”. Fig. 04 – “Vitória”) em que apliquei uma estilização de paisagem desenvolvida em estudos baseados nas formas de mandacarus. Estas paisagens são “habitadas” por figuras para mim bem típicas de meus desenhos, neste caso sem fisionomias. Espessas linhas de grafite definem as formas na paisagem que foram preenchidas com camadas de aquarela e nanquim colorido até que atingissem uma densidade que, naquele momento, eu achava satisfatória. As figuras têm acabamento com guache vermelho em um dos dípticos, branco em um outro e, num terceiro, as figuras estão cromaticamente diluídas na paisagem de fundo. Observe-se que neste trabalho já é possível ver a associação de materiais que me acompanham desde a infância, particularmente o grafite e o guache. As variações, bem perceptíveis nos quatro dípticos devem-se em parte ao fato de que dois foram acabados em abril, um outro em maio e, finalmente, outro em agosto.



FIG. 06. BRIM CADEIRA 01



FIG. 07. BUBBLES 7



FIG. 08. FLORAL VERDE 2



FIG. 09. FLOR 2 48 X 35



FIG. 10. LANCEOLADAS

Tais intervalos ocorreram por conta de eu me desviar para outras experimentações.

Um desvio drástico aconteceu em maio, quando estudei simplificações para imagens de cadeiras (Fig. 05 e Fig. 06). A ideia era fazer algo com guache ou acrílica sobre brim aproveitado de calças jeans. Daí o nome dos dois dípticos produzidos: “Brim cadeira”. Acabei por materializar a ideia usando o que chamo de “técnica de superfície” com pastel oleoso sobre papel de aquarela – o pigmento do pastel não é aplicado de modo a cobrir todo o papel, que, neste trabalho, foi colorido com uma aguada uniforme de aquarela. O pastel é um material que passei a explorar somente em 1988, inicialmente o oleoso e, algum tempo depois, o pastel seco, este último muito “inspirado” nos trabalhos de Eugênio Medeiros e Made Weiner. O uso inicial do pastel oleoso dava continuidade aos estudos das possibilidades menos “escolares” do giz de cera, este que foi usado a princípio na técnica de superfície. A pesquisa “avançada” com giz de cera deu-se em oficinas que fiz em dupla com Assis Marinho. Com estes estudos acabei

por realizar a exposição “Um processo”, em 1989, na Fundação Hélio Galvão, promovida por Toinho Silveira, diretor da Fundação naquele momento. O pastel oleoso é o material ao que menos tenho recorrido.

Na exposição, mostrei em seguida várias séries ou apenas dípticos, começados entre agosto e setembro e “concluídos” em outubro, baseados na técnica de veladuras brancas sobre aquarela. A primeira série, a maior delas, foi a “Bubbles” que tem desenhos muito esquematizados de flores ou árvores (Fig. 07). A técnica consiste em criar um fundo com aquarela e, no caso de “Bubbles”, apliquei camadas de veladuras com guache de modo a deixar algumas formas só na aquarela, outras com uma camada, e outras com duas e três camadas, sucessivamente. Em seguida, produzi dois dípticos em que o fundo sofria uma fragmentação de base geométrica e as figuras estão mais próximas de folhagens naturais (Fig. 08). Com esta mesma técnica, eu ainda fiz um díptico com acrílica, obtendo resultados bem parecidos e, para mim, satisfatórios (Fig. 09).

Já em janeiro de 2020, usei o mesmo esquema técnico descrito acima, trocando o guache por grafite



FIG. 13. ALGAROBAS 3 CONCLUÍDO



FIG. 14. FLORAL 2.

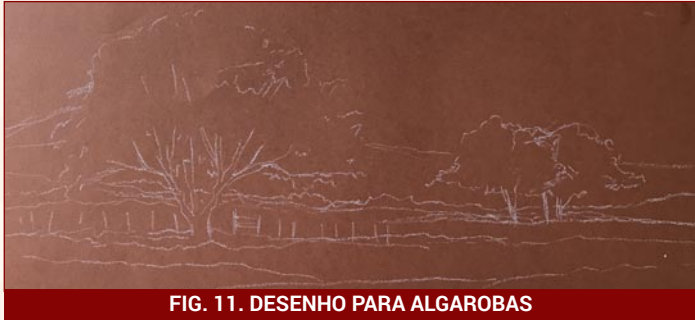


FIG. 11. DESENHO PARA ALGAROBAS



FIG. 12. ALGAROBAS - CAMADA DE BASE

dando um fundo cinza ou quase preto, ao invés de branco, para umas folhagens (Fig. 10. “Lanceoladas”). Neste processo, que atendia à minha “necessidade” de sair de um sistema técnico ou temático – sair do fundo escuro para o fundo claro, aconteceu um acaso: como utilizei um lápis com grafite muito brando (8B), achei necessário borrifar verniz sobre o trabalho para evitar borraduras ou transferência do grafite para o material de embalagem. Aconteceu que o grafite foi aglomerado pelo verniz, criando uma textura não esperada. No entanto, achei bom este resultado e acho que este trabalho é um dos que mais gosto na coleção.

Os trabalhos selecionados na sequência para a exposição foram feitos entre julho e agosto de 2020. Nestes eu usei o pastel seco com o que vinha me exercitando naquele ano. Um tutorial na Internet havia me levado a experimentar o que chamam de *underpainting*, algo como “pintura de base” e que consiste na aplicação do pastel sobre o papel que é em seguida, digamos, “aquarelado” com álcool. Dada a volatilidade do álcool, este procedimento exige uma certa velocidade na sua aplicação, o que confere um trato mais expressionista que pode ser suavizado com as camadas seguintes. Depois de vários exercícios com paisagens e florais, fiz uma série, as “Algarobas” (Fig. 11, Fig. 12 e Fig. 13), sem a técnica da *underpainting* a álcool e com uma aplicação mais precisa do pastel. Sempre fui encantado pelas algarobas, muito comuns na arborização urbana de Mossoró e na vegetação de beira rio. Um outro

díptico a pastel seco, “Regatas”, de abril de 2021, também foi incluído na mostra.

Gosto muito de trabalhar com pastel seco, talvez o último material com o que me atrevi a produzir alguma coisa, se não contar com a tinta acrílica com a qual já havia feito experimentações esparsas desde a adolescência e que tiveram certo sucesso, até a composição de mostras como “Prima facie” (a primeira com Ana Antunes, em 2004) e “Rendados de papel” (2005). O material mais recorrente entre os que uso, entretanto, é a aquarela. E foi com ela que, em abril de 2021 iniciei uma série de dois dípticos com florais baseados numa estilização de flor (Fig. 14). Este trabalho foi uma espécie de reação aos exercícios com *lost painting* (pintura perdida) que consiste na técnica

do úmido sobre úmido e na das fusões, não interessando o detalhamento de contornos, com tendência a deixar a pintura próxima da abstração. Quem acompanha meu trabalho sabe do meu apreço às linhas – o desenho propriamente dito, e a *lost painting*, mesmo que dê algum resultado interessante para mim (as pessoas gostam), não é “a minha praia”. Porém, ainda incluí na exposição o díptico “Floral com muro” (Fig. 15) em que associo as duas abordagens, a da pintura perdida e a das bordas duras (úmido sobre seco).

Concluindo a exposição, numa aproximação com a ideia da ascendência, elegi dois dípticos de 2022 (Fig. 16) em que apliquei técnicas usadas, nesta coleção, desde a série “Bubbles”, ou sejam as de camadas de guache branco sobre uma base de aquarela.



FIG. 15. FLORAL COM MURO 2

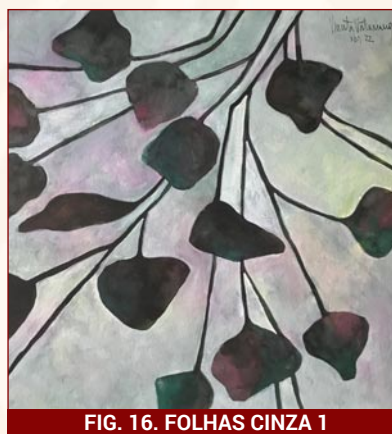
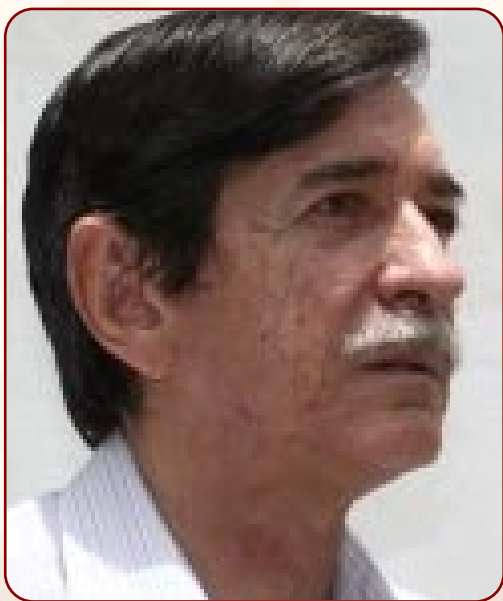


FIG. 16. FOLHAS CINZA 1



Carlos Alberto Josuá Costa

Engenheiro Civil, Escritor, Membro da Academia Macaibense de Letras



Uma curiosa mesa-redonda

Retirei aleatoriamente dez livros da estante e, colocando marcadores entre páginas não intencionalmente escolhidas, passei a realizar um desejo, digamos, um tanto ousado.

Com isso, minha esperança era fazer um jogo filosófico, a partir da pergunta que a mim fazia, toda vez que me deparava com muitos livros: O que seus autores (não presentes) conversam entre si?

Para esse exercício criei um cenário fantasioso, onde todos eles (os autores) estivessem numa grande mesa-redonda, já expressando seus “dizeres” quando me agregaria em meio à conversa.

Afinal não conhecia a pauta e nem alguns deles, que facilitassem a minha intrometida inserção. Teria que, aos poucos, ir me adaptando ao assunto apenas pelos ditos e contraditos, com respeito merecido a cada um ali assentado.

Não, eu não podia participar do “debate”, pois não seria ouvido.

De posse do meu caderno de anotações, atento, fui registrando o que cada um deles dizia. Confesso que em boa parte da conversa entre eles, fiquei sem elementos de ligação ao ‘poliglottismo’ ali reinante.

Você também quer fazer parte dessa “mesa-redonda”? Queira sentar-se.

Permitam-me apresentar-lhes os participantes:

- Pedro Chagas Freitas (escritor português, que se titula como “um gajo que escreve cenas”). Está aqui pelo livro “Prometo Falhar”.

- Frei Elias Vella (Franciscano conventual, teólogo nascido na baía de Saint Paul, em Malta). Pelo livro “O Líder de Fé”.

- Joseph Chilton Pearce (americano de Pineville, Kentucky, EUA, consultor de educadores e agências governamentais). Pelo livro “O Fim da Evolução”.

- Geraldine Brooks (nascida em Sidney, Austrália, jornalista com coberturas em guerras e conflitos). Pelo

livro “As Memórias do Livro”.

- Raimondo Scotto (médico italiano, dedicado ao universo da família). Pelo livro “O Amor tem Mil Faces”.

- Mário Vargas Llosa (peruano, nascido em Arequipa, jornalista, escritor, crítico literário). Pelo livro “Travessuras da Menina Má”.

- Maria Henriqueta Camarotti (brasileira, de Olinda, Pernambuco, neurologista, psiquiatra, especializada em grupoterapia e acolhimento da pessoa que sofre). Pelo livro “Consciência Autocurativa”,

- Flávio Moreira da Costa (brasileiro, gaúcho de Porto Alegre, escritor). Pelo livro “As 100 Melhores Histórias Eróticas da Literatura Universal”, como organizador.

- José Saramago (português, da província de Ribatejo, jornalista, escritor). Pelo livro “Ensaio Sobre a Cegueira”.

- Frei Betto (brasileiro, mineiro, frade dominicano, escritor). Pelo livro “Entre Todos os Homens”.

Pronto, todos anunciados, vamos ao que cada um “disse” em arranjos de letras e retalhos de sentimentos:

“O problema dos humanos é, quase sempre, não confiar no que Deus quer. E preferir agarrar com as duas mãos tudo aquilo que podem agarrar, tentar limitar estragos, reduzi-los ao mínimo possível. Os humanos criaram um Deus em que não acreditam, em que só acreditam em desespero, ...” (Pedro Chagas)

“O verdadeiro líder não é aquele que pensa ser a síntese de todos os carismas, como se todos os carismas se achassem agrupados nele, mas é aquele que tem o carisma da síntese.” (Frei Elias)

“Ao atingir o mesmo grau de hipnose, o par se viu numa praia maravilhosa, de espuma transparente e rochas de cristal, ao som de um coro celestial.” (Joseph Chilton)

“Todos foram muito gentis, trazendo-me comida e até mesmo me abraçando. Não estou acostumada a ser abraçada.” (Geraldine)

“Um determinado modo de olhar ou de sorrir, um tom de voz especial, um comportamento corporal, um silêncio inesperado têm às vezes, a capacidade de comunicar um tipo particular de mensagem, muito mais que uma infinidade de palavras.” (Raimondo)

“- Na outra noite, você fez uma estupidez que eu não perdôo. Não devia ter me dirigido a palavra, não

devia ter me segurado pelo braço, não devia ter falado comigo como se me conhecesse. Você podia me comprometer, não entende que precisa disfarçar? Onde está sua cabeça, Ricardito?” (Mário Vargas)

“Não se trata de aceitar a limitação pela limitação e sim de descobrir entre os elementos da restrição, espaços de possibilidades - amor incondicional, desapego, transcendência de si próprio, profunda aceitação da realidade, percepção de uma missão mais profunda a ser cumprida, enfim, não somente compreender, mas sentir o processo de crescimento em si mesmo.” (Maria Henriqueta)

“Enquanto isso, não sei o que houve: vi-me com os calções quase nos calcanhares, num estado passavelmente razoável; e, por um encanto inconcebível, já me dispunha a me ocupar dela, quando, abrindo-se o laço de fita que lhe fechava o decote, fez desabar sobre mim dois peitões enormes acima da cintura.” (Flávio Moreira)

“Não estejas tão preocupado, pensou ela, irei daqui à porta em linha recta, no fim de contas, tanto faz, ainda que ficasse a desconfiar de que não estou cega, a mim não importa, não virás cá me buscar.” (José Saramago)

“Devemos ir descalços e sem bastão? pergunta Pedro. Não seja tão

cabeça-dura, Simão. Bem sabes que o bastão serve de companheiro inseparável aos andarilhos. E, entre tantos pedregulhos pelos caminhos; ai de quem andar descalço. O que exijo é que tenhas uma atitude despojada.” (Frei Betto)

Ao final da “conversa” cada um foi se retirando e ocupando seus lugares na prateleira das emoções escritas e, de posse dos anotados, fiz-me reflexivo, tentando entender o recado de cada um, ao tempo que fiquei imaginando: Será que eles se entenderam?!

Terei um tempo maior para nos devaneios da ociosidade, lembrar o que cada um “disse” e tirar lições que animem meu pensar.

Conseguirei?

Não sei... esses mestres, em poucas ou muitas palavras, sempre traduzem vivências e ensinamentos. Você que estava lá, o que achou?!

Deu para perceber que entre eles havia plena harmonia?

Ou estamos sem paciência para buscar nas entrelinhas alguma reflexão?





ITC - Instituto Totem Cultural

O ITC, Instituto Totem Cultural, vem promovendo há 15 anos, desde sua criação em 2008, o voluntariado, a arte e a cultura, tanto individualmente como em associação com outras entidades. O ITC identifica e promove a produção cultural e artística da cultura brasileira a nível local, regional e nacional, assim como seu intercâmbio com outras culturas. Ele abrange todas as formas de expressão compreendendo publicações bilíngues, exposições, oficinas, encontros, concertos, entre outros.



CRIANÇAS PARTICIPAM COM SEUS AUTORRETRATOS

Autorretrato do Brasil de 200 anos

A mostra « Autorretrato do Brasil de 200 anos », sob curadoria de Marinilda Boulay, nos convida a sermos agentes de construção da memória e identidade do nosso jovem país.

Essa exposição, interpreta através de obras de arte a Independência do Brasil de Portugal, da qual o gesto oficial corresponde ao 7 de setembro de 1822. Ela transita e valoriza o processo vivido por todos os integrantes da sociedade na construção da cidadania, e da identidade do Brasil e do brasileiro, tanto no passado, como nos dias atuais. A mostra lembra também a necessidade de protegermos os nossos biomas, composto por nossa fauna e flora, dentro dos quais o país e seu povo evoluem.

Segundo Marinilda, os artistas foram convidados a participar da mostra produzindo um autorretrato de si mesmo, e uma segunda obra inspirada pelo tema do bicentenário da independência, enquanto agentes dessa construção, para que a história se movimente e adquira novos significados ».

Uma importante ação educativa foi desenvolvida junto à rede educacional da cidade de Socorro no interior do Estado de São Paulo, cujas crianças e adolescentes apresentam na mostra seus autorretratos.

Esse tema se torna atual e instigante na medida em que os participantes da exposição são posicionados como agentes do processo de construção da nossa memória e identidade.

A "Autorretrato do Brasil de 200 anos" é realizada pelo ITC, Instituto Totem Cultural, e pela produtora Totem com apoio da Prefeitura Municipal de Socorro-SP; através das suas Secretarias da Cultura e do Turismo, Museu Municipal e ComupC (Conselho Municipal de Políticas Culturais)

A exposição pode ser vista virtualmente no site do ITC, Instituto Totem Cultural : totemcultural.org.br/expo
Ela aconteceu presencialmente no Museu Municipal de Socorro-SP dentro das comemorações dos 200



OS NOSSOS BIOMAS TÊM DESTAQUE NA MOSTRA



AÇÃO EDUCATIVA LEVA ESCOLAS AO MUSEU

anos da Independência do Brasil entre os dias 8 de outubro 2022 e 17 de janeiro 2023

Brasil - Memória e identidade em construção

Não há dúvidas de que a conquista da Independência do Brasil foi um dos acontecimentos mais importantes da nossa história. A partir dessa data, o Brasil deixa de ser colônia portuguesa e adquire sua autonomia política. Vemos no ato do 7 de setembro uma estratégia política que tentava renovar as relações, que na época já estavam comprometidas entre Portugal e Brasil.

Ao declarar independência, o governo brasileiro se deparou, não só com a necessidade de consolidar uma unidade no país do ponto de vista político, como também do ponto de vista da cidadania, pois a sociedade precisava reconhecer-se como pertencente a essa nação, e construir a sua identidade.

No período republicano foram concretizadas interpretações da independência através da construção de monumentos, pinturas, esculturas e na arquitetura.

Podemos citar a obra do artista Pedro Américo de 1888, chamada de "Independência ou Morte", considerada a representação mais consagrada e difundida do momento da independência do Brasil, sendo o gesto oficial da fundação do país. Seu nome vem da exclamação de D. Pedro I ao proclamar a independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822: "É tempo! Independência ou Morte! Estamos separados de Portugal!".

Em 1895 acontece a abertura do Museu Paulista, ou Museu do Ipiranga, o mais antigo museu de São Paulo. No primeiro centenário da independência, em 1922, tivemos a inauguração do Monumento do Ipiranga, também em São Paulo, inaugurado no local

onde D. Pedro I teria proclamado a Independência. Sem esquecer a Semana de Arte Moderna, que foi um marco desse primeiro centenário, afirmando nossa identidade através das artes.

Ao lado desta construção oficial da memória do 7 de setembro, foi sendo percorrida através destes 200 anos a trajetória da sedimentação da identidade de um Brasil plural, com suas múltiplas narrativas, sotaques e culturas.

Essa identidade é construída e reconstruída por todos os integrantes da sociedade, compreendendo os participantes da mostra « Autorretrato do Brasil de 200 anos ». Eles compõem a memória coletiva da independência no exercício da cidadania tanto no passado, como nos dias atuais, projetando-se no futuro.

Artistas participando: Adriano Gambim; Albina Santos; Alex Allen; Alcindo (Alcindo de Oliveira Santos Jr); Altamira Borges; Ana Maria Reis; Andrea Guim; Andrea Teixeira; Antonio Edson Machado; Arie; Arivanio; Bebeth; Billy Gibbons; Carla Calmon; Carminha; Célia Gondim; Claudia Seber; Chris Ponte; Cora Azêdo; Daniele Vitória; Danilo Cunha; Débora Amaral; Dilsão; Dulce Martins; Edilson Araujo; Elsa Farias; Enzo Ferrara; Fátima Camargo; Gê Guevara; Gerson Lima; Gil Santana; Graciete F. Borges; Helena Rodrigues; Iracema Arditi; Jair Lemos; J. Borges; JH Brito; J. Miguel; João Generoso; Laura Ancona Lee; Lina Ganem; Lívia Passos; Lu Maia; Marcia Nunes; Marinilda Boulay; Marli Bertoletto De Ro; Maurício Ferreira; Melhado; Neo Brasil; Parisina Ribeiro; Regina Drozina; Rodrigo Silva; Rodrigues Lessa; Rosa Mc; Rosmarie Reifenrath; Ruiy Moura; Sanagê Cardoso; Sandra Scavassa; Seba Neto; Sérgio Andrejuskas; Shila Joaquim; Sonya Mello; Tânia de Maya Pedrosa; Valdeck de Garanhuns; Vânia Cardoso; Waldec de Deus; Zé (José Benedito Ferreira).



ARTISTAS SÃO AGENTES DE CONSTRUÇÃO DA NOSSA MEMÓRIA E IDENTIDADE



VISITAS MONITORADAS E OFICINAS FIZERAM PARTE DA MOSTRA



Thiago Gonzaga

Doutorando em Literatura Comparada (UFRN), mestre em estudos da linguagem (UFRN) e especialista em literatura e cultura do RN (UFRN).

A arte literária de David de Medeiros Leite: 2020

O mossoroense David de Medeiros Leite publicou em 2020 um dos mais interessantes romances potiguaros nos últimos anos, intitulado 2020 (Editora Sarau das Letras), e á época do seu lançamento despertou bastante atenção dos leitores e da crítica. Hoje, voltamos a focar na obra, após ter em mãos a versão em língua espanhola (Mossoró: Sarau das Letras\Trilce Ediciones, 2021: Tradução de Leonam Cunha). Sobre o romance escreveu Ailson Fernandes Teodoro:

“Não é do ano em curso, nem dos problemas que enfrentamos decorrentes da pandemia que penaliza o mundo que escreverei essa resenha literária, mas da obra que marca a estréia de David Leite como romancista. E que estreia!

Confesso, e faço autocrítica, que fui surpreendido quando recebi o livro como um presente do amigo Almicarde Lopes. Quando falou que o novo livro escrito por David, tratava-se de um romance, falei, um pouco desconfiado – por saber da amizade entre os dois -, que já lera diversas crônicas e contos do autor, e que o considerava um dos melhores escritores do RN; principalmente no campo da política, história e genealogia, mas argumentei que não era o suficiente para sua nova obra ser um grande romance. Almicarde, eufórico com a leitura feita pouco tempo atrás, rebateu sorrindo: “2020 é ótimo. Vai gostar. O livro é muito bom”.

Sai do encontro com a oferenda em mãos, e a promessa de que quando encerrasse a análise da obra, deixaria, por escrito, minha impressão sobre o livro. Ainda assim questionando-me, no mais íntimo de mim mesmo, se valeria a pena interromper leituras que estavam em curso, para ler 2020!

No mesmo dia iniciei a leitura e, em pouco espaço de tempo, percebi o quão estava equivocado sobre o trabalho que ganhara de presente. Uma deslumbrante história estava à minha frente, contada somente por quem tem a magia dos grandes escritores.

O romance regionalista, narrado em primeira pessoa, é um dos melhores trabalhos literários escrito por um moosso- roense; a trama já havia me conquistado sem ter chegado sequer a metade do livro.”

Sobre 2020 também escreveu Adelto Gonçalves:

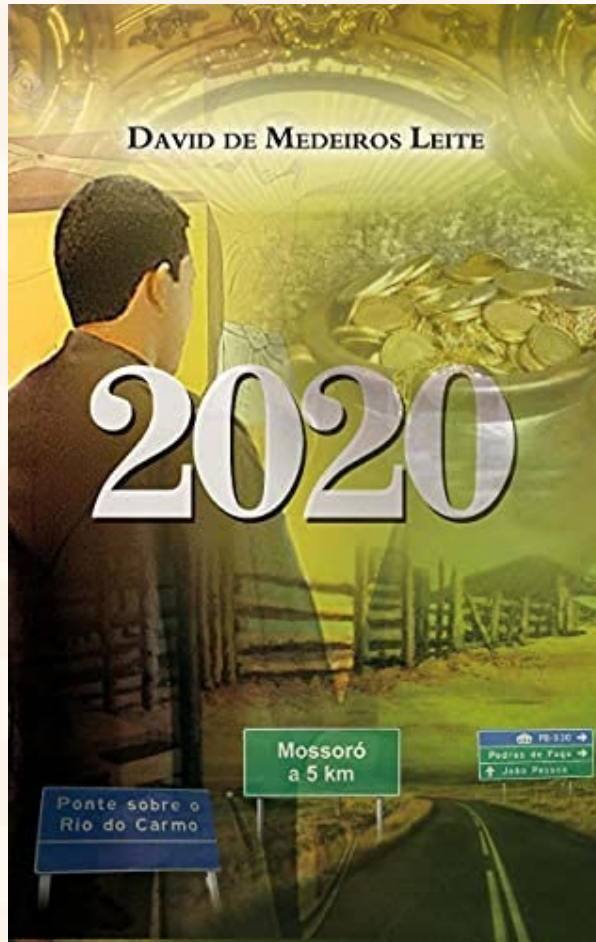
“Em resumo: escrito em estilo leve, que atrai a atenção do leitor desde a primeira linha, 2020 é romance que veio para ficar não só na história da ficção do Rio Grande do Norte, mas da Literatura de expressão portuguesa. E que já foi saudado pelo poeta peruano Alfredo Pérez Alencart, radicado como professor universitário em Salamanca desde 1987, que, inclusive já traduziu para o espanhol um livro de David de Medeiros Leite sobre aquela mítica cidade espanhola.

Do romance do advogado potiguar, “escritor que vai abrindo sua própria senda nos diferentes deltas da literatura”, Pérez Alencart diz que se trata de uma história bem trabalhada, com diálogos bem construídos, com ritmo cadencioso que permite leitura fluída. “Há reflexões que configuram a condição humana em todos os tempos e lugares, como, por exemplo, quando o protagonista comenta: “Ah, a inveja! Quão subjetiva e, por vezes, imperceptível! Depois de um comentário sobre a brilhante homília proferida por nosso Provincial, percebi, na reação de alguns frades, esboços de inveja. O elogio mesclado com ironia deduz inveja, com certeza” (pág. 74).”

-0-

Poeta, escritor e ensaísta, David de Medeiros Leite é professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), doutor em Direito pela Universidade de Salamanca (USAL) e já publicou livros em diversos gêneros, dentre os quais, *Ruminar*, (poesia) e *Cartas de Salamanca* (crônicas), ambos pela Sarau das Letras, editora que fundou em 2005, em parceria com o escritor Clauder Arcanjo.

Gestor, com atuação em diversos cargos da Administração Pública, David Leite, também atua como ativista cultural. Dentre outros trabalhos de sua autoria destacam-se: *Incerto Caminhar*, *Mi Salamanca - Guía de un poeta nordestino, versión y pórtico de Alfredo Pérez Alencart y fotos de José Amador Martín*, (poesia), *Ombudsman Mossoroense e Casa das Lâmpadas* (crônicas). Em coautoria publicou: *Mossoró e Tibau em Versos* (com Edilson Segundo), antologia; *Sarau das Letras – Entrevistas com Escritores* (com Clauder Arcanjo); *Os Carmelitas em Mossoró* (com Gildson Souza Bezerra e José Lima Dias Junior), *Duarte Filho: Exemplo de Dignidade na Vida e na Política* (com Lupércio Luiz de Azevedo), *Companheiro Góis – Dez Anos de Saudades (org) e História da Liga Operária de Mossoró* (Em coautoria com José Edilson Segundo e Olivá Leite



da Silva Júnior).

Publicou em 2017, *Rio do Fogo*, contendo vinte poemas e quarenta fotografias, retratando diversos aspectos do cotidiano da praia de Rio do Fogo e da cidade homônima, situada no litoral norte do Estado, região que se distingue sobretudo pela pesca. A parceria é com o magistrado Bruno Lacerda, fotógrafo bastante experiente na arte da fotografia, inclusive com prêmios e exposições no currículo.

Dessa obra, elogiada, recentemente pelo crítico literário paraibano Hildeberto Barbosa Filho, destacamos um trecho do seguinte poema:

VIVER NO MAR

Viver no Mar
é não precisar
de endereço fixo.

Minha casa anda comigo
(ou ando com minha casa),
navegando amplidões.

David Leite participou das coletâneas, com textos de autores mossoroenses, *Café & Poesia I e II*, além de ter organizado mais recentemente, também em parceria, *Café & Poesia III*. Preparou o trabalho em homenagem ao seu pai *Altemar Duarte Leite – Centenário de Nascimento: 1919 -2019*, e por último a coletânea *Espaço Jornalista Martins de Vasconcelos*, (em parceria com Cláudio Arcanjo e Johan Freire) reunindo artigos de escritores que publicam na coluna homônima neste Jornal de Fato.

David de Medeiros Leite é membro da Academia Mossoroense de Letras (AMOL), da Academia de Ciências Jurídicas e Sociais (ACJUS) e da Academia Maçônica de Letras do Rio Grande do Norte (AMLERN), sócio do Instituto Cultural do Oeste Potiguar, e de outras instituições culturais

Da entrevista que fizemos, em 2013, para o livro *Impressões Digitais, Escritores Potiguares Contemporâneos v. 1*, destacamos aqui algumas respostas do autor mossoroense:

1-David, sua admiração por Câmara Cascudo, é visível em suas obras, como e onde começou esse apreço?

O polígrafo e multifacetado Câmara Cascudo causa admiração a quem se aproximar da obra dele. Desejo contar uma história (por sinal, melhor detalhada no nosso livro *Cartas de Salamanca*): início do ano de 2006, estava fazendo os preparativos de viagem para a Espanha quando o escritor Diógenes da Cunha Lima me instigou a encontrar a carta que Cascudo fez para Miguel de Unamuno. E, nos quatro anos que ali estive, não esqueci daquela recomendação de Diógenes. Tanto é verdade que tendo sido

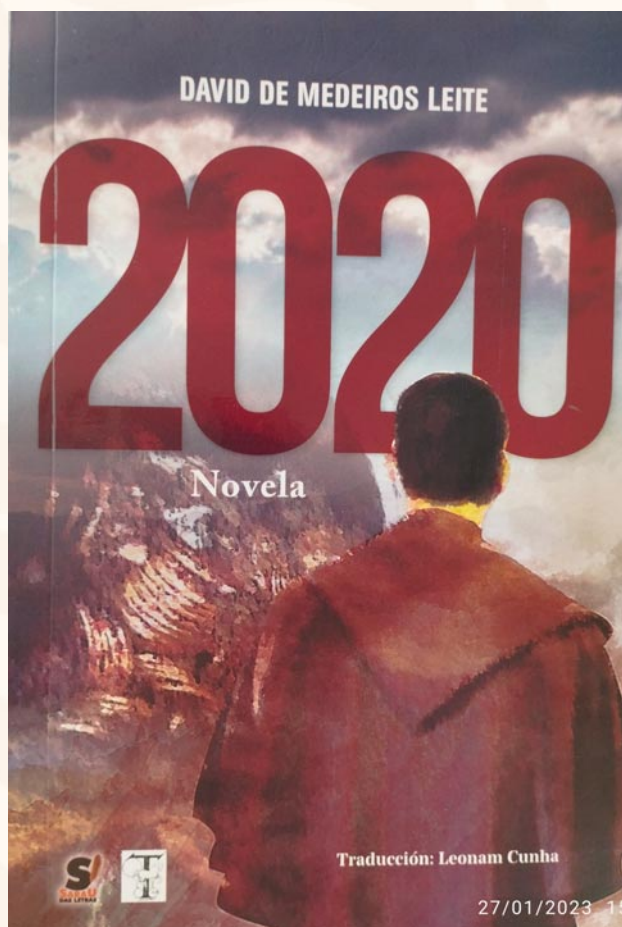
convidado pelo professor Alfredo Alencart a visitar a Casa-museu Miguel de Unamuno, não desperdicei a oportunidade de, com sua ajuda, ir à busca da referida missiva. E encontramos-la. Sabia da importância do referido documento para o Rio Grande do Norte. Seria uma (sim, porque devemos buscar a resposta de Unamuno) das provas desse contato epistolar entre dois grandes nomes da literatura brasileira e espanhola, respectivamente: Câmara Cascudo (1898 – 1986) e Miguel de Unamuno (1864 – 1936). A carta de Cascudo merece acurada análise, por diversos aspectos históricos que suscita. Cascudo se diz motivado a escrever a Unamuno pelo “banimento” sofrido por este, que ocorreu em consequência da oposição que o mesmo fazia à ditadura do general Primo de Rivera. E é justamente em 1924 que começa o exílio de Unamuno na França, perdurando até 1930, quando, segundo seus biógrafos, volta “triunfalmente” a Salamanca. O teor da carta traduz afeto e admiração, porém é, no final da missiva, que nos deparamos com o grandioso e comovente gesto de Cascudo em oferecer ajuda “material” ao mestre Unamuno. Essa pequena e emblemática história pode sintetizar a inquietação de Cascudo que terminou por gerar sua vastíssima obra.

Cascudo se diz motivado a escrever a Unamuno pelo “banimento” sofrido por este, que ocorreu em consequência da oposição que o mesmo fazia à ditadura do general Primo de Rivera. E é justamente em 1924 que começa o exílio de Unamuno na França, perdurando até 1930, quando, segundo seus biógrafos, volta “triunfalmente” a Salamanca. O teor da carta traduz afeto e admiração, porém é, no final da missiva, que nos deparamos com o grandioso e comovente gesto de Cascudo em oferecer ajuda “material” ao mestre Unamuno. Essa pequena e emblemática história pode sintetizar a inquietação de Cascudo que terminou por gerar sua vastíssima obra.

2 - E seu contato com a literatura potiguar? Você lembra-se de algum livro, ou autor que o tenha iniciado para a leitura das obras locais?

Sim, lembro bem. Primeiro comecei acompanhando, com real interesse, a produção do jornalista mossoroense Dorian Jorge Freire, em páginas de jornais, pois, somente em 1991, Dorian teve o primeiro livro publicado, reunindo suas crônicas: *Os dias de domingo*. O estilo de Dorian me impressionou deveras. Em um segundo momento, por ter despertado interesse em história local, enveredei por Câmara Cascudo, Raimundo Nonato da Silva e tantos outros.

3-Quem é o escritor David de Medeiros Leite?
- Vou de Gonzaguinha: “um eterno aprendiz”.



Indiscreto

Dedicado aos professores do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy (IFESP)



Maria Aparecida de Almeida Rego

Mestra em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN (2015). É professora de Língua Portuguesa da Rede Municipal do Natal.



Siomara Spineli de Brito Soares de Santana, paraibana nascida em João Pessoa, formada em Letras pela UFRN, pós-graduada em Língua Portuguesa na Docência do Ensino Superior e em Fundamentos Linguísticos para o Ensino da Leitura e Escrita, escritora, poetisa e ilustradora. Encantada pelos livros, pela escrita, pelos pincéis e tintas faz de tudo uma linda aquarela.

A noite já avançava, janelas e portas dormiam: o descanso esperado depois de um dia de abre e fecha, ângulos e 45, 90 e até 180 graus feitos e desfeitos por horas a fio. O esperado silêncio se iniciava para uma dormida tranquila...

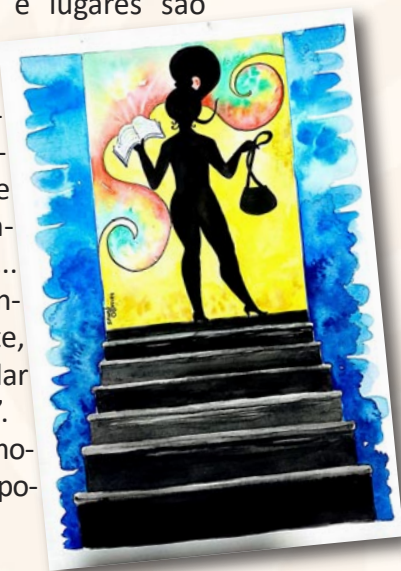
De repente, escuta-se um barulho indecifrável e, com o avançar da hora, as paredes passam a ter ouvidos...

Enquanto isso, ela segue em passos lentos, mas firmes, trazendo na cabeça o peso dos referenciais teóricos de um dia de trabalho. Jamais poderia imaginar que carregava em sua bolsa um aparelho indiscreto, capaz de compartilhar seus passos sem pedir autorização. Já não bastava o barulho do salto que estimulava as paredes do prédio a pensarem, examinando milimetricamente cada passo, criando imagens da dona do salto, se alta, baixa, corpo esculpido, rebolado, enfim, intermináveis projeções que, por ventura, povoassem até os sonhos das paredes... o intruso estava lá, dentro da bolsa, captando, armazenando e pretendendo expor para o mundo todos os seus movimentos...

Ao entrar em casa, acendeu a luz, em desequilíbrio, coloca a bolsa na mesa provocando a queda do aparelho ao chão, encerrando assim um áudio de exatamente 14 segundos.

Com a velocidade 5G, ele chega instantaneamente a centenas de celulares, casas, pessoas... que ficam numa tentativa frenética de decifrar vozes, ruídos, toques... um amontoado de onomatopeias formando um π (pi); discussões teóricas são lançadas em grupos de WhatsApp, imagens são criadas... 14 segundos reproduzidos como um tempo inesgotável, pausados, continuados, projeções de cenas e lugares são jogados nos grupos contribuindo com essa análise profunda quando, surpreendentemente, alguém desvenda o mistério: “passos de um mulher procurando entrar em casa, na escuridão... vai batendo em tudo até encontrar a chave, finalmente, acende a luz e deixa o celular na mesa... vida de docente”.

Acabou, naquele momento, a fantasia que tinha povoado inúmeras mentes!





Jeanne Araújo

Nasceu em Acari, seridó potiguar e mora atualmente em Ceará-Mirim, onde é membro da ACLA – Academia Cearamirinense de Letras e Artes.

É professora, poeta e escritora

Dos amores de carnaval

Ela guardou o segredo no fundo de uma caixa de sapatos vazia, recoberta com papel de seda vermelha e escondida debaixo dos lençóis, dentro do guarda roupa antigo da mãe. Encontrou-o quando procurava um adereço antigo para a neta brincar o carnaval que se aproximava. Ela própria já nem lembrava mais daquele pedacinho de passado que tinha ficado soterrado pelo tempo e pela vergonha. Até aquele dia, onde abrindo as caixas, deu de cara com um número de telefone e um nome: Luís.

Num turbilhão, as imagens vieram à mente. Cenas se passaram como num filme lindo, cheio de alegria e fantasia. Era o carnaval. Ela queria muito ir com as primas ao Baile do Municipal, mas estava noiva e seu noivo embarcado, de forma que o pai tinha terminantemente proibido que saísse de casa. Filha minha não anda de desbunde por aí, ainda mais sendo noiva e estando às portas do casamento – disse o pai. Amargurada, ela chorou o dia inteiro. Não custava nada o pai deixá-la brincar o último carnaval solteira, e ainda tinha as primas que poderiam ir com ela, não haveria

problema nenhum. Tinha certeza que Roberto não se importaria com isso. Eles se amavam e se casariam no início de maio, mês das noivas. Roberto sempre foi um homem à frente do seu tempo, e era isso que a atraía nele. Resolveu então, falar com a mãe, ela sempre arrumava um jeitinho, sempre. Apesar de carrancudo, o pai era apaixonado por sua mãe e sempre abria mão quando ela pedia com jeitinho. Mas dessa vez não deu certo. Ele estava irredutível. Resolveu, então, que iria sim ao baile, com ou sem aprovação do pai. Fingiria dormir, e quando todos estivessem dormindo, pularia a janela e iria encontrar-se com as primas na praça principal, de lá seguiriam para o clube.

Na hora marcada, vestiu sua fantasia – Colombina – e pulou a janela que dava para a rua. Com o coração na boca, correu na direção da folia, da alegria, imaginando que aquele seria o carnaval da sua vida, o que jamais ela esqueceria. E tinha razão.

Entrou no clube e caminhou entre as mesas, com a leveza de uma bailarina. As cores de sua fantasia encantavam. Ela resolvera que este carnaval ficaria na história de sua vida. Seria sua despedida de solteira. E brincou e pulou e bebeu. Deixou que a música embalasse seus passos e a alegria reinasse infinitamente. De repente, no meio do salão, um braço passou por sua cintura e a carregou pelo salão. Quando percebeu, estava num lado meio escuro do salão com um homem fantasiado, o rosto coberto com uma máscara vienense, linda! Ele falava com a voz rouca, meio



grave e dizia que ela era a Colombina mais linda que já tinha visto. Que ele, naquele momento queria ser o Pierrot pra poder dizer palavras bonitas e assim roubar seu coração. Ela riu daquilo, mas deixou-se levar pelo galanteador. Saíram do clube aos tropeços, esquecera do pai, do noivo, de tudo. Foi uma noite de amor inesquecível. Ao ouvir que terminava o baile de carnaval, disse-lhe que tinha que ir. Ele, então, deu-lhe um pequeno papel com um telefone e seu nome: Luiz. Pediu-lhe que ligasse, que queria conhecê-la, que estava completamente enamorado. Ela prometeu que sim, que ligaria. Quarenta anos depois, ela ligou. Sentiu subir no rosto o mesmo fogo de tempos atrás. Com o coração pulando na boca, ouviu a resposta do outro lado da linha: estava morto.



Margot Marie

Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É professora da rede pública municipal de Natal e estadual do RN



Jitiranas

*Há alguns dias
teu rosto me cobre,
me persegue nas ruas,
nas paredes do quarto.
Leveza de olhos
em meio a foices e vitrais.
Jitiranas ramificadas,
meus dedos em riste,
teus não abissais.*

Jeanne Araujo

Diálogos poéticos

O QUE ACONTECE COM VOCÊ quando lê um poema?! Comigo pode acontecer tudo, inclusive nada. Embora esse nada quase nunca aconteça, porque como diz um poeta, "cada pessoa é um poema" e nessa perspectiva biunívoca cada poema pode chegar a mim como um ser, como uma pessoa – e comigo, com minha natureza falante, dá vontade de conversar...

POIS BEM, estou aqui a papear com o poema JITIRANAS, de Jeanne Araújo. E me deu vontade de conversar com ele, como se nós dois fôssemos dois antigos conhecidos, de ter tanto para tagarelar, de não saber por onde começar. Se pelo título do poema, ou do seu invólucro – MONTE DE VÊNUS (2011), edição da autora, ou o próprio texto...

MAS A ESCOLHA PRECISA SER FEITA e, assim, aqui exponho, eis que principio pelo livro – título sugestivo e erótico. O desenho do sexo feminino provoca o imaginário da leitora. A genitália, a passagem "de onde entra e sai o mundo"... ARAUJO, na sua poética, fala disso também (tão bem), mas não se limita somente a essa temática, mas como escolhi JITIRANAS para tecer diálogos, comungo com este poema e, por sua vez, com a sensibilidade, a sensualidade, a eroticidade latente nos versos...

HÁ NESTE POEMA EM QUESTÃO movimentos de ida e vinda, amorosidade, sensualidade, envolvimento. Há movimento de forma e conteúdo. Já no verso de abertura "há alguns dias", fiz uma digressão ousada, pensei em algo prosaico como "era uma vez", um monte, uma expressão introdutória. Algo para abrir magicamente sua poética...

NOS TRÊS VERSOS QUE SEGUEM "teu rosto me cobre/ me persegue nas ruas/ nas paredes do quarto", o eu lírico se vê completamente observado pelo ser amado, pois o vê em todo lugar: em si, na rua, no quarto...

NO MEIO DO TEXTO, um paradoxo: leveza e violência. Mas amor é isso, como diz outro poeta "amor é poço onde se despeja lixo e brilhante"...

NOS TRÊS ÚLTIMOS VERSOS, há a entrega à paixão. O sujeito poético e metáfora trepadeira e se autoconsome no ato solitário, frente à ausência do ser amado: "jitiranas ramificadas/ meus dedos em riste / teus não abissais"... Ais! Ela se toca. Eu toco vocês, convidando à leitura desta maravilhosa autora.

Jeanne Araujo, seus versos são phoda! Amei conversar com Jitiranas.

Saudações poéticas!



Socorro Evangelista

Dedico a minha família, filhos netos,
bisneto, genros e nora. Meus amigos.
Minha gratidão.

Sonhar na longevidade, descobrimo o EU do meu EU

Sessenta e cinco anos viuvei. Chorei. Sofri.
Respirei, descobri o eu do meu outro eu.
Construí novas leituras no mistério do meu
silencio orante. Construí novos quadros, novas
poesias, novas aquarelas, novas leituras matizadas no
meu EU desconhecido.

É preciso viver, galgar degraus, desatar nós respirar
novas realidades.

APOSENTADORIA. Novos caminhos na história da vida.

É preciso respirar o EU que aprendeu lições com
nossos antepassados. Lições com meus pais, lições
com meu companheiro e sábio professor Geraldo

Lucas, lições com meus filhos, minha família. Infinitas
lições de vida dia a dia.

Viajar com meu filho cada dia vou conhecendo um
pouco do meu EU.

É preciso sonhar, amar a família os amigos, na minha
fé amar a Deus e a virgem maria.

Setenta e oito anos, novas reflexões buscando
melhorar a qualidade de vida. Ao entardecer me
ponho em oração. Um novo dia afasto as pedras do
caminho buscando o EU na longevidade.

Não importa as rugas e sim uma alimentação
saudável e a vontade de viver.

Descubro uma nova mulher de luta, uma mulher
empoderada de alegria e paciência, burilando a
felicidade de um ser que sonha preservando a
família o núcleo da amizade.

Na trajetória da vida encontro ensinamentos e
aprendizados de momentos e pessoas que somam em
minha vida. É preciso afastar as dificuldades, a
indiferença, a ingratidão e viver o sorriso e o perdão.

É preciso cantar o amanhecer viver com arte poesia, com
espírito de humildade sem vaidade compartilhando
lições de vida, no cotidiano acolher o irmão.

É preciso dançar, gargalhar e até errar procurando
acertar, viver sem se sentir velho...

NÃO SEJA "VELHO"

Seja pleno.

Viva intensamente o brilho o entusiasmo

SORRIDENTE

Viva as cores do arco íris, o abraço fraterno na
compreensão do amor

Burile seu bom humor

Previna se da doença

Viva a sutileza da flor que dança com o vento sem L

AMENTO

Cante com os passarinhos no seu próprio ninho

Fale a amorosidade do amor

Seja um sonhador

Movimente seu corpo sua mente

Renove seus projetos simplesmente

Trabalhe por lazer

Ore ao anoitecer

Contemple a arte o mistério da natureza

Poetiza sem tristeza

Não seja "velho"

Seja pleno.



Caius Marcellus

Turismólogo e Guia de Turismo

Turismo e as interfaces atuais

Entender que o turismo é uma indústria que se molda na velocidade das transformações globais é um fato. São centenas de milhares de produtos atuais que permitem um universo de possibilidade a se trabalhar na perspectiva de encaixe e identificação de quem oferece e quem procura. As ferramentas plurais facilitam fechamento de produtos oferecidos. No entanto se observa uma retomada na busca do elemento humano na configuração de atividades que necessariamente jamais uma máquina ou agente facilitador fará na substituição de uma pessoa em sua apresentação de calor humano. Com surgimento da pandemia da COVID 19, aprendemos uma nova logística de vida. Nos separamos, aprendemos a viver confinados e sem “contato” humano com as pessoas em sua maioria. Fomos separados e obrigados a viver uma nova vida, um novo momento de isolamento onde nos custou muito caro a sensibilidade e a perda dos nossos e o pior, viver nosso isolamento íntimo sem poder se quer sentir o ar que respiramos.

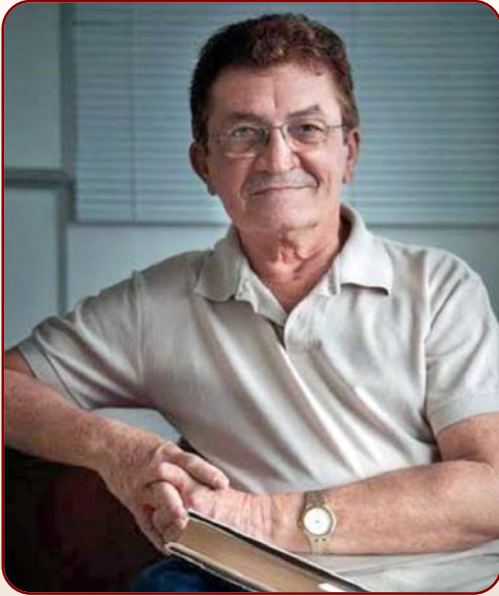
As interfaces do turismo nos dias atuais, nos mostra a possibilidade de poder novamente se deslocar, abraçar, sorrir e sentir o vento vivenciando novas experiências de quem passou tanto tempo proibido de poder viajar.

Entender a necessidade de se permitir a encarar um grupo diversificado de pessoas com experiências próprias nos permite a inclusão de e do diferente em uma harmonização que só a pessoa humana é capaz de transmitir, sentir e possibilitar o novo e elaborado pontual elemento do calor humano em nossas vidas.

Trabalhar sempre na necessidade de utilização da pessoa e seu contato é fundamentalmente importante.

Não podemos negar a necessidade do abraço, do calor e do sorriso.

O turismo é fundamental na transformação de experiências de viagens, visitas e claro...poder abrir o conceito de conhecimento histórico do passado com nossa capacidade de interpretação presente.



Iaperi Araújo

Médico, escritor e artista. Da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Presidente do Conselho Estadual de Cultura e da Sociedade de Amigos da Pinacoteca (RN)

O universo criativo de Manxa

Manxa nasceu em São Vicente, na região Seridó do RN em 20 de janeiro de 1948. Manxa é nome artístico. Na verdade ele é Ziltamir Sebastião Soares de Maria, um dos 12 filhos do casal Maria de Lourdes e Teófanos Maria. Todos começavam com a letra “Z”, um modismo da época. Seis dos doze filhos, morreram ainda na infância. Mamãe tinha seus doze filhos todos com a letra “I” inicial. Tia Lourdes era irmã de minha mãe, nascida em Natal. Formada na Escola Normal.

Quando nos mudamos de São Vicente, ainda uma vila do município de Floranea, para Currais

Novos, cidade maior com mais opções para a educação dos filhos que estavam aptos para cursar o ensino ginasial, Tia Lourdes nos seguiu logo depois. Ela e mamãe foram ensina no Grupo Escolar Capitão-Mór Galvão.

Os primos tinham um convívio muito fraterno. Brincávamos juntos nos terrenos baldios de Currais Novos, influenciados pela



presença dos americanos em Natal e os filmes de cowboys que eram exibidos no Royal Cinema que entrávamos de carona usando o prestígio de Teófanos, pai de Manxa, com a família da bilheteira. Após alguns anos, já havendo meu irmão primogênito - Iaponan - se mudado para Natal, para cursar o científico, último estágio do ensino médio, antes de entrar na Faculdade, indo morar na Casa do Estudante, nos mudamos também. Pouco tempo depois, tia Lourdes e a família nos seguiam para morar em definitivo em Natal.

Ficaram morando muito próximo da gente em Petrópolis. Antes, Zildamir e Zildamar, irmãos mais velhos de Manxa moraram conosco na rua Potengi.

Nos anos 60. Iaponi meu irmão foi trabalhar na Diretoria de Documentação e Cultura da de Natal e nos acostumamos a conviver com os mestres do folclore, que recebiam ajuda permanente da Prefeitura para se exibirem nos ciclos de festa da cidade. Junino e natalino. Mailde Pinto era diretora do DDC e com Iaponi trabalhavam Paulo de Tarso Correia de Melo e Newton Navarro. Essa convivência fez nascer em Iaponi o espírito criativo e a inspiração para sua pintura, seguindo a cultura popular, registrando as festas, os bailados e as crendices populares.

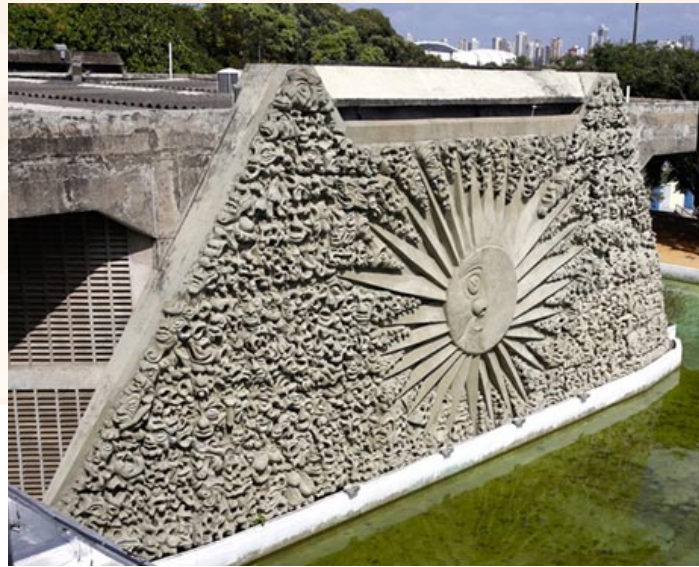
Manxa frequentava nossa casa e ficava admirando o trabalho de Iaponi, até que em 1965, no governo Aluisio Alves, a arquiteta Janete Costa que fora contratada para decorar o Hotel dos Reis Magos, inaugurado naquele ano e instalar na fortaleza dos

Reis Magos um Museu de cultura popular do Nordeste, convidou vários artistas do Nordeste e instalou uma grande exposição na Lagoa de Manoel Felipe, trazendo principalmente artistas de Pernambuco como Brennand, Tiago, Zezinho da Ribeira e outros. Os trabalhos de Zezinho de Olinda inspiraram Manxa que logo depois começava a ensaiar os entalhes em madeira, com uma forte influência do artista olindense. Iaponi, mesmo não sendo escultor nem entalhador, foi o primeiro grande mestre de

Manxa. Ele comprou umas ferramentas de carpintaria para Manxa, pediu que entalhasse alguns baús de madeira de sua coleção e com um espírito fortemente crítico, orientava-o para seguir sua própria inspiração, sem ter os trabalhos de Zezinho como modelo. Daí surgiram suas composições meio fantasiosas. Homens e mulheres com os cabelos tão eriçados que pareciam sóis. Folhagens, frutos e garranchos

compondo os espaços como faziam os artistas populares. Maria do Santíssimo (1890-1994) era sua avó. Mãe do seu pai Teófanos Maria, também tinha essa preocupação de artista do povo, preenchendo os espaços brancos de suas pinturas com todos os elementos possíveis de sua criatividade. Dos pequenos entalhes em todo o tipo de madeira, inclusive cabos-de-vassoura, Manxa passou a fazer pequenos trabalhos de escultura em madeira, seguindo daí a executar talhas com motivos alegóricos regionais, dentro do estilo primitivo. As figuras que utilizava eram sempre antropomorfas. Pessoas como sóis,

“Considero-o mais um artista da arte bruta, pois seus temas são alegorias da fantasia popular”



sereias, gente meio bicho, meio pássaro, ramos e folhas, flores e frutos entremeados numa intensa alegoria tropical. Em seus painéis esses elementos eram vazados e esses espaços eram preenchidos, na maioria das vezes com lâminas de cobre marchetadas. Assim fez painéis para o Banco do Brasil, Tribunal de Justiça e Banco do Rio Grande do Norte em Natal. No final da década de 60 foi para o Rio de Janeiro onde viveu por um tempo, produzindo e participando de exposições, inclusive uma individual na Galeria Goeldi e painéis no Banco do Brasil. Morou por um ano nos Estados Unidos da América, havendo produzido vários trabalhos de entalhe em madeira em Augusta, capital do Estado do Maine. Morou no Recife onde dirigiu a Galeria Metropolitana do Cais do Apolo, assessorando o Governador Gustavo Krause. Na década de 80 parou de produzir e somente no final dos anos 90 voltou a esculpir, deixando a antiga técnica do entalhe em madeira, substituindo-a pela escultura moldada em fibra de vidro e resina acrílica, sendo distinguido com o convite do Governo do Estado para fazer os Reis Magos que integram o pórtico principal da Capital do Rio Grande do Norte na BR-101. Uma cópia desses três Reis Magos encontra-se no jardim de um hotel na Via Costeira de Natal. Manxa também esculpiu as figuras dos mártires de Cunhaú e Uruaçu num conjunto arquitetônico, onde além das figuras em fibra de vidro e pó de mármore, criou espaços e pórticos em mármore. Esse monumento infelizmente não foi



completado por falta do cumprimento do contrato por parte do Governo do Estado e Arquidiocese de Natal. Mesmo assim, para o mesmo Governo do Estado, Manxa projetou e executou o monumento à Nossa Senhora Santana na Ilha de Santana em Caicó, todos esses de grandes dimensões. Na entrada da cidade de Currais Novos a Prefeitura Municipal contratou e Manxa executou um monumento às atividades produtivas da cidade, o agricultor, o trabalhador das minas e uma mulher. Na cidade de São

Vicente executou a escultura do padroeiro da cidade, assim como em Floranea, no Monte das Graças. De uma família de artista, pois é primo pelo lado materno de Iaperi, Iaponi, Irani, Iramar Bertinho e Sebastião Soares, Manxa é neto pelo lado paterno da pintora primitiva Maria do Santíssimo e isto pode ter influenciado no despertar de sua criatividade. Seu trabalho de entalhe em madeira influenciou vários artistas como Taciano Arruda Câmara, Jânio Sobral, Jordão e seus primos Sebastião e Carlos Alberto, todos entalhadores e escultores.

Manxa faleceu em São Vicente em 19 de março de 2012, deixando uma vasta obra em prédios públicos, em repartições e museus. Considero-o mais um artista da arte bruta, pois seus temas são alegorias da fantasia popular. Os campos se dispersam no vazio que deliberadamente vai preenchendo com figuras, folhas e frutos, como uma cantiga de fertilidade. Este é o seu universo.

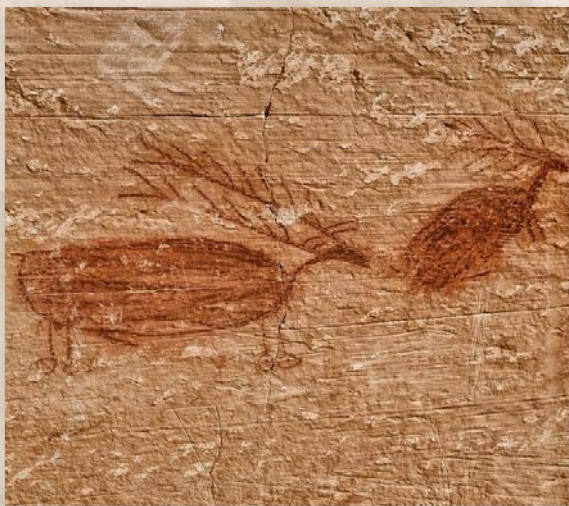


A pré-história na região de Canguaretama



Francisco Galvão

Sociólogo e Professor de História
Membro do Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte



Não há trabalhos de pesquisa científica, sobre a pré-história de Canguaretama, que sejam conhecidos e publicados. Todas as informações vêm de fontes empíricas e deduções feitas a partir de estudos em outras localidades. É provável que várias partes do litoral do nordeste do Brasil tenham sido povoadas por volta de 10.000 anos atrás, no período compreendido entre o fim do Pleistoceno e o início do Holoceno. Há uma rivalidade que põe a arqueóloga Niède Guidon e o paleontólogo Walter Neves em conflito nessas questões. O segundo, a partir de estudos feitos em fósseis humanos encontrados em Minas Gerais, aponta uma povoação inicial por volta do ano 12000 a.C.; enquanto Guidon recua até 65 mil anos com base nas pesquisas feita no Piauí.

As informações sobre essas populações pré-históricas ainda são pouco conhecidas. Sabemos, porém, que, vivendo no litoral, poderiam se alimentavam principalmente de peixes e crustáceos, mas também caçavam pequenos animais e coletavam frutos e sementes. Eram grupos nômades ou seminômades, que já utilizavam o fogo e viviam em pequenas comunidades familiares de 10 a 20 indivíduos. Talvez fossem os mesmos homens dos sambaquis, bastante conhecidos nas regiões meridionais do Brasil. Os sambaquis ou concheiros são montes formados por conchas, restos de esqueletos de peixe, de aves, de animais e de humanos, formados entre 10.000 a.C. e 1.500. Essas formações pré-históricas foram mais estudadas no Sul, mas podem ser encontradas em todo o litoral do Brasil.

Tal ocupação ainda é muito discutida e não há conclusões definitivas, muito embora num ponto todos sejam quase unânimes: não eram autóctones. Também não se sabe se esses grupos teriam chegado ao litoral nordestino cruzando o interior do continente ou contornado a costa, pelo Sul ou pelo Norte. Os estudos mais conhecidos apontavam para a ocupação inicial na Amazônia há 2900 anos e, assim, se acreditava que o povo tupi teria vindo de regiões setentrionais, tomando o litoral de norte para o sul. Entretanto, estudos arqueológicos encontraram sinais da ocupação tupi no sudeste

brasileiro datados por volta do ano 900 a.C., mudando as datas e o sentido da ocupação do litoral brasileiro.

Com as novas análises, que incluem também estudos linguísticos e genéticos, se apontam possibilidades para a ocupação pelo povo tupi do litoral brasileiro no sentido sul para o norte. Do mesmo modo se pensa que esses grupos derivariam da etnia guarani, que tiveram ligações com os povos andinos. Os novos estudos apontam para uma grande expansão da etnia tupi, ocorrida em torno do ano 100 a.C. e tendo o ponto máximo no ano 1000. Teriam saído do noroeste da Amazônia, tomando três rotas principais: Pela borda da Bolívia, para o sul, dando origem ao povo guarani, para o oeste, indo para o Peru; e para o norte, depois tomando o litoral do Atlântico, de norte a sul, dando origem aos diversos nativos do Brasil.

No Rio Grande do Norte, as datas mais antigas de presença humana (Ainda povos não tupis) foram registradas na região do Seridó e não no litoral. O indicativo dessa presença primitiva são os registros rupestres, comum nas diversas tradições pelo interior do território, o que atestaria a diversidade de povos que ali habitaram, em diferentes épocas. Não há segurança, ainda, para afirmar que esses grupos do interior viveram no litoral com maior intensidade e que teriam dado origem aos nativos que mantiveram contatos com franceses, portugueses e holandeses no período colonial.

O litoral do Rio Grande do Norte não contempla os mesmos registros rupestres encontrados quando se adentra no território, mas isso não indica com clareza que a ocupação teria sido iniciada pelo interior. Não foram encontrados registros que evidencie a primazia da ocupação pelo litoral, mas isso não indica que não existem. Faltam estudos mais claros sobre o assunto e divulgação de descobertas. Sabe-se que na época da ocupação inicial do litoral brasileiro ocorria a última glaciação, conhecida também como a era do gelo. O oceano estava 150 metros mais baixo que o atual e recuado pelo menos 1500 metros. Por esse motivo, muito dos vestígios pré-históricos podem estar submersos nas águas da plataforma continental do oceano Atlântico.

A não presença dos registros rupestres no litoral também pode ter vários motivos, entre elas as condições físicas do local, onde não há abundância de rochas próprias a esse uso. Além disso, esses registros

“escritos” poderiam ser feitos em materiais perecíveis como cascas de árvores que se degradaram com o tempo. Além disso, esses registros podem ter sido “apagados” propositadamente pela ocupação de outros povos, como os da etnia tupi ou, ainda, no processo de contato inicial promovido pelos franceses, ibéricos e holandeses nos séculos XVI e XVII. Apagar essas inscrições teria o poder simbólico de negar a presença dos antigos donos do território.

Quanto ao clima pré-histórico, sabe-se que as temperaturas eram mais baixas e o ar era mais seco. Predominava uma vegetação como das savanas, porém com a possibilidade da existência de floresta, que cresceriam às margens dos rios, onde a temperatura e a umidade poderiam ser mais altas que no restante do território. Nesse mesmo período, ainda existia a megafauna (Grandes animais pré-históricos já extintos), com a presença de grandes animais pré-históricos como o bicho-preguiça gigante, o mastodonte e o

tigre-dente-de-sabre. Algumas pesquisas do final do século XX apontaram que a primeira população pré-histórica brasileira teria características físicas diferentes dos indígenas atuais e seriam negroides (Semelhantes aos negros atuais). Teriam, então, origem africana ou polinésia e desapareceram da região com a chegada dos indígenas atuais, da etnia tupi, que têm características físicas

bem diferentes, são mongólicas (Semelhante aos asiáticos atuais) e que teriam ocupado o litoral brasileiro por volta do ano 1000 a.C.

Suspeita-se que o uso de inovações tecnológicas, especialmente nas armas, proporcionou superioridade à etnia tupi, que, em situações de guerra, teriam exterminado os paleoíndios (Homens da pré-história americana). Há também a hipótese de uma possibilidade miscigenação e/ou de fuga, que teria levado essa população derrotada a se adaptar em outro habitat, dando origem as etnias que ocupavam o interior do território quando da chegada dos colonizadores europeus. Alguns locais como a Croa da Ostra, Casqueirinha e a Casqueira, possíveis sambaquis, podem ser vestígios dessas antigas populações no território de Canguaretama. Em remota possibilidade, inclua-se também as caieiras que existiam próximo ao rio Curimataú, na localidade do Casaca e Malhadinha, que foram bem exploradas até o início do século XX.





Márcio de Lima Dantas

Professor de Literatura Portuguesa
da UFRN



Coleção Juliano Escóssia de imagens de São Francisco

Juliano Lauro da Escóssia Nogueira nasceu em Mossoró (RN), em 1940, vindo a falecer em Fortaleza (CE), em 2014. Formado em Economia pela Universidade de Brasília, cidade onde foi residir em 1967, tendo se tornado servidor de carreira do Senado Federal.

Detentor de uma grande coleção de imagens de São Francisco de Assis, cerca de quase quatrocentos itens, pois não se limitava às esculturas, mas também tudo o que dissesse respeito à retratação do santo, fossem telas ou outros artefatos. Essa saudável obsessão do ato de colecionar, praticamente extinta em nossos dias, tendo em vista que a deusa Mnemósine a pouco e pouco perde legiões de adeptos em nome de se levar em conta o instante ancorado no presente, - como se fosse passar a página de um livro, seu usufruto e imediato esquecimento, - teve em Juliano um dos seus últimos e fervorosos adeptos.

Antes de falecer, fez questão que a coleção ficasse com a sobrinha, a Sra. Sandra Rosado, hoje encontra-se na sua residência. Opulento acervo que enriquece o mundo das artes na cidade de Mossoró.

A coleção teria sido iniciada quando sua esposa, Sra. Otília, o presenteou com uma imagem de São Francisco feita de argila por um artesão gaúcho. Oriundo de uma tradição familiar católica, não seguiu. Somente após uma certa idade retornou a praticar a religião dos seus ancestrais, o Catolicismo, tendo feito a caminhada de Santiago de Compostela. Quer dizer que não era devoto do santo, costumava dizer que o

interesse se encontrava na atração e no aspecto plástico de como estava formatado o ícone-primevo de onde partiu toda a coleção. Em síntese, buscava a dimensão estética, não a religiosidade com seus dogmas de fé e devoção. Com o tempo, esse pensamento transmutou-se.

A coleção detém um caráter metalinguístico bastante evidente, sendo monotemática. Ou seja, as inúmeras possibilidades que um conteúdo base (ícone de São Francisco) pode variar numa multiplicidade de suportes (materiais). Uma espécie de variação sobre o mesmo tema. Nesse sentido, a arte fala da arte, debruçando-se sobre o Como se diz, não o Que se diz.

Para o linguista Roman Jakobson (Linguística e comunicação), sempre que a linguagem fala da própria linguagem temos a função metalinguística. Ou seja, sempre que o discurso focaliza no código, constata-se a metalinguagem. Isso significa dizer que em sua grande maioria os enunciados fazem referência implícita ou explicitamente ao próprio código em questão. Trazendo para o que tratamos: a coleção de imagens de São Francisco de Assis de Juliano Escóssia é uma manifestação artística em quase todas as peças, uma forma do humano se expressar, uma linguagem, visto que o termo linguagem não se restringe apenas à língua, mas a tudo o que refere como cultura, aquilo construído pelo homem.

De outra parte, também é considerado como um código ou sistema semiótico ou sistema de signos, detendo eventual sentido ou uma multiplicidade de sentidos, metáforas ou simbologias, consoante tempo ou espaço onde foi engendrado, ou mesmo relativo à determinada cultura ou etnia.

Para além, do aspecto estético há uma série de coincidências ou sincronidades entre Juliano Escóssia e datas referentes à vida de São Francisco de Assis. O aniversário dele cai no dia dedicado às Chagas de São Francisco. Ele não tinha consciência dessas informações ao iniciar a coleção. Também costumava passar o dia dezessete de setembro, em Canindé (CE), cidade famosa pela devoção do santo, cujos devotos em sua grande maioria são os pobres ou desfavorecidos socialmente.

Sabendo do interesse de Juliano Escóssia por São Francisco, os amigos viajavam e ofertavam itens de muitos lugares do mundo. A coleção detém peças que vão de um autêntico exemplar de arte Cuzqueña, passando por uma peça vinda do México, elaborada em conchas e búzios, o santo esculpido em um palito de fósforo, um Playmobil franciscano, até mesmo encomendou a um santeiro de Pirapora (MG) uma imagem de São Francisco da altura dele (1,69m), o maior da coleção, finalmente, chega à contemporaneidade com uma imagem no estilo Romero Brito.

Enfim, diria apenas do santo São Francisco de Assis: respeitado mais como homem detentor de um comportamento eivado de caráter, honestidade e autenticidade consigo próprio. Tanto é que abandonou uma vida de filho de gente abastada para peregrinar em busca de seus projetos espirituais. Prova disso é que pessoas praticantes de outras religiões o admiram e respeitam seu modo de vida.

Juliano Escóssia faleceu no dia quatro de setembro. Sendo que o dia dedicado a São Francisco de Assis é 04 de outubro, embora falecido a 03 de outubro de 1226, quer dizer, falece exatamente um mês antes do dia do santo que parece ter sido uma saudável obsessão chantada no seu espírito, em cuja coleção dedicou parte do seu afeto e interesse, como espécie de condimento a acentuar o gosto

do que elegemos como nutriente para a alma. Todos nós somos assim. Bom que pessoas como Juliano Escóssia tenha descoberto essa espécie de salda vida através de valorizar e armazenar objetos de arte, inscrevendo seu nome, para todo o sempre, no campo das artes no Urbi et Orbe. Não restrito à cidade de Mossoró. A missa de trigésimo dia foi realizada na Igreja de São Francisco de Assis, em Brasília.

Ao que parece, havia uma espécie de força centrípeta, cujo cerne era o coração de um homem, latejando interesse por uma ideia fixa, no melhor sentido do termo, creio que havia algo para além da nossa compreensão, o que o pensador C. G. Yung indigita em um belo livro como sincronidade (falei em passant, lá em riba). Talvez esse interesse não seja mera coincidência. Também não saberia dizer o que é. Sei que tem e é. Paz e bem.





Oscar D'Ambrosio

Pós-Doutor e Doutor em Educação, Arte e História da Cultura, Mestre em Artes Visuais, jornalista e crítico de arte

Quatro olhares contemporâneos

A arte é o universo do olhar. O criador visual desenvolve a sua capacidade de observar o mundo e lança sobre ele uma interpretação. Para isso, utiliza um material, uma técnica e um suporte. No entanto, o processo apenas se completa quando o público também lança a sua capacidade de observação e de reflexão sobre aquilo que foi feito. Quando o triângulo propiciado pelos elos entre o criador, a obra e o público se relaciona com intensidade, a arte gera emoções, faz pensar e estimula a criatividade de todos os envolvidos. Nessa perspectiva, vamos tratar de quatro artistas contemporâneos que apontam para tendências do fazer neste século.

Memórias, de Maria Oliveira (@mariaoliveira_estiloarte)

Um par de tênis pode ser apenas uma parte da vestimenta, mas ganha também uma dimensão simbólica quando vai para uma tela. A arte transforma o comum em especial e aponta como não existem limites

para que o cotidiano se torne uma faceta que desvende potencialidades existenciais.

Os tênis que surgem nesta pintura não são escolhidos ao acaso. Como indica o título, são “meus”, ou seja, da artista, repletos, portanto, de memórias afetivas. Quando se transformam em imagem atingem um outro patamar. Perdem, naturalmente seu valor de uso para serem representações.

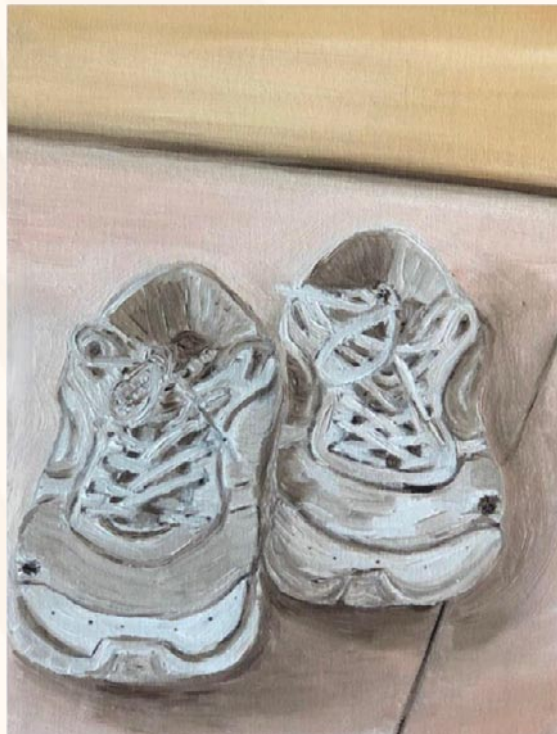
Analisadas como tal, comportam dualidades. São dois tênis, um não existe sem o outro e, acima de tudo, não são intocados, mas trazem consigo as marcas de um passado, como revela a maneira de eles estarem pintados. Nunca saberemos as suas narrativas, mas algo neles existiu antes de serem imortalizados em uma tela.

A imagem, nesse aspecto, apresenta uma maneira de pintar e de sentir, mas, por mais banal que isso possa parecer em um primeiro momento, guarda um conceito que não necessita de um referencial externo. Sendo assim, o par de tênis existe enquanto imagem e nos desafia a novas observações atentas e indagadoras que questionam a nossa visão do mundo.

Madeiras desvendadas, de Vitor Mazon

(@vitormazon)

Uma poética é o desvendar de um pensar. Nas obras de Vitor Mazon, existe um processo técnico que caminha ao lado de um fazer aprimorado pela construção de obras de arte que se manifestam tanto pela imagem como pela temática explorada.



**MARIA OLIVEIRA - MEU PAR DE TÊNIS
ÓLEO SOBRE TELA - 30 X 20 CM - 2021**

Essa coerência faz perguntas a quem vê.

As imagens trazem a madeira sob diversos pontos de vista, muitas vezes com a presença do material nas molduras ou mesmo em interferências sobre o que foi impresso. É instaurado assim uma reflexão densa dos sentidos que uma árvore pode ter, seja ela resistente ao tempo ou cortada e destruída pelo ser humano.

Existe, em cada nova criação visual, um falar com o observador marcado pela coerência entre o que se deseja dizer e o que se declara. O resultado impacta e permanece na memória. Não existem concei-

tos escondidos a serem decifrados, mas uma declaração incisiva de proteção à natureza.

A linguagem do artista traz uma onipresente e potente declaração visual. Não há uma imagem foto-

gráfica conceitualmente enigmática, mas uma densa interpretação visual que desvende uma floresta de segredos artísticos. O mistério está no como a ideia foi elaborada, em um processo de entrega ao que se deseja dizer que se desdobra em potencialidades de olhares.

A pintura dos sentidos, de Patricia Helney

(@patriciahelney)

A arte de Patricia Helney é um mergulho na arte e na cultura popular sob, no mínimo, duas perspectivas. Uma delas é a que aponta o resgate das tradições, essencial para manter viva a memória de um povo. Outra diz respeito a realizar uma pintura caracterizada pela utili-



**VITOR MAZON - SEM TÍTULO - SÉRIE SANTUÁRIO
PIGMENTO MINERAL SOBRE PAPEL DE ALGODÃO
E MADEIRA - 84 X 57 X 21 CM - 2022**

zação da forma e da cor como elementos essenciais.

A presença das bandeirinhas em forma de arco-íris na parte superior do quadro, por exemplo, é um índice de como a composição é realizada de modo a destacar a procissão na área central. É ela que conduz o olhar do observador até o segmento inferior, no qual a religiosidade também se faz presente.

A atmosfera alegre é conseguida pelos jogos cromáticos e pela concepção da tela como um espaço expressivo em que os elementos são articulados em uma perspectiva harmônica, em que a retirada de algum detalhe prejudica a composição do todo. Assim, existe uma declaração de amor à vida.

A pintura, de certo modo, é um testemunho de paixão à própria arte. Por meio da tela, existe uma entrega sobre a riqueza das tradições e como elas são manifestações de identidades regionais e nacionais. Isso permite ver cada quadro como um livro de delicados sentidos a serem desvendados.

O espaço das formas, de Marco Almeida (@marcoalmeidadesign)

Os atos do pensar e do fazer são essenciais na arte. Este painel de Marco Almeida é o desenvolvimento de uma série de gravuras com a temática "Índigena Brasileiro". A fundamentação dos trabalhos está nas tramas e formas dessa cultura ancestral e na maneira como elas são articuladas no espaço.

Existe uma pesquisa visual nesse processo cria-



PATRICIA HELNEY - SÃO JOÃO EM CORUMBÁ, MS, LADEIRA CUNHA - E CRUZ - ACRÍLICA SOBRE TELA 60 X 80 CM - 2022

tivo que não só remete aos povos originários como também aponta para uma maneira de entender a própria pesquisa visual como um caminhar pelas mais diversas referências em um movimento contínuo de atualizações de paradigmas.

Há uma estilização de padrões tradicionais na perspectiva de buscar uma linguagem mais concisa, própria do artista. O desafio se dá em olhar para o passado e para o presente de modo a construir a própria linguagem, vislumbrando o futuro como um universo de permanentes possibilidades.

O intelectual e o técnico caminham, portanto, lado a lado no sentido de instaurar situações para o observador mergulhar nos trabalhos e se

relacionar com eles também de maneira criativa, deixando de ser um mero receptor de imagens para ser considerado um partícipe da arte, pois ela somente se realiza quando há envolvimento emocional do público.

Portanto, como apontam os quatro trabalhos aqui brevemente estudados, observar um trabalho visual constitui uma arte do olhar. Aquilo que está

pronto a ser interpretado ganha novas conotações para cada pessoa. Os encontros e desencontros propostos por cada obra são lidos de maneira distinta por cada um. Entre aquilo que o artista deseja dizer, o que ele consegue fazer e o que as pessoas percebem existem semelhanças e diferenças; aproximações e distâncias. É nesses interstícios que a arte se realiza.



MARCO ALMEIDA - PADRÃO TRIBAL - QUEIMADA - AÇO CORTEN RECORTADO A LAZER - 120 X 70 CM - 2020



Alfredo Neves

Artista plástico, editor da Revista Paleta, poeta e vice-presidente da Academia Macauense de Letras e Artes.



GETULIO MOURA

Getúlio Moura Xavier

um artista surrealista no Vale do Assu

Tabatinga fica no Vale do Rio Açú, é um antigo povoado que pertenceu a cidade de Macau-RN, Pendências e atualmente é um distrito do Alto do Rodrigues-RN. E foi nesse povoado, no ano de 1962 que Getúlio Moura veio ao mundo. Dois anos depois a sua família se mudou para Macau. O poeta, escritor, músico, historiador e artista plástico residiu até o ano de 2009 na maior produtora de sal do Brasil, indo se fixar a partir desta data no município conhecido como o berço dos poetas, a cidade do Assu.

Em sua biografia na AMLA – Academia Macauense de Letras e Artes, onde ele é o membro da cadeira de número 15 e que tem como patrono Manoel Rodrigues de Melo, Getúlio Moura relata que começou a estudar aos sete anos, e foi com essa idade que veio o despertar para as artes através do desenho e ilustrando trabalhos e exposições escolares.

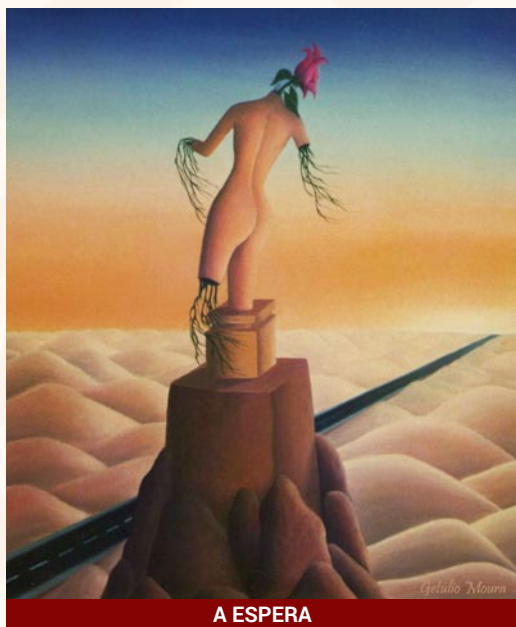
A Arte de Getúlio Moura é, na sua totalidade, surreais, em meio a essas podemos contemplar outras figurativistas e cubistas, telas sublimes e contemplativas. O primeiro contato que tive com ele foi na empresa em que trabalho, a Petrobras, e foi onde ele laborou até há alguns anos, vindo a se aposentar por tempo de contribuição ao INSS.

Esse primeiro ato de familiaridade, amizade e proficuidade, que dura até os dias atuais, ocorreu em 1988. O artista detém além das habilidades na área da pintura, da fotografia, musica, poesia e literatura, nas horas vagas, designer gráfico; e foi por essa razão e sua maestria em criar capas de livros para escritores locais e estaduais que solicitei ao Getúlio para desenvolver a capa do meu primeiro livro: A Marcha do Homem.

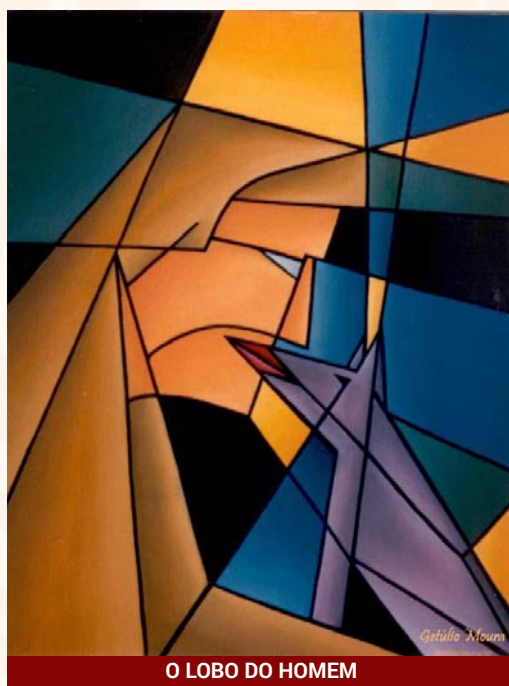


Focado nessa proposta cultural, em parceria com o saudoso sociólogo e professor Benito Maia Barros e João Vicente Guimarães, criaram o selo literário Imperial Casa Editora da Casqueira. Getúlio Moura idealizou mais de quarenta e duas capas para autores de diversos segmentos dentro da proposta da ICEC, além de diagramação e ilustração de vários livros.

Os resultados construtivos de Getúlio Moura Xavier em suas artes são, em analisando o conjunto de suas obras, de caráter surrealista. O termo Surrealismo surgiu por incrível que pareça da criatividade de um poeta, escritor e crítico de arte francês chamado Guillaume Apollinaire (1880 - 1918). Apollinaire foi amigo de Matisse (1869 - 1954), Picasso (1801 - 1973), André Breton (1896 - 1966), Marcel Duchamp (1887 - 1968), Max Jacob (1876



- 1944) e George Braque (1882 – 1963), escreveu manifestos para diversas vanguardas artísticas, dentre elas o Cubismo e o Surrealismo. Há também quem atribua a origem do termo ao poeta e psiquiatra francês André Breton. Observa-se, que, em sendo o primeiro ou o segundo, ambos são poetas, e o movimento está intrinsecamente ligado também à poesia assim como às Artes Plásticas. Escreve Robson Mistersilva, no seu livro Artes & Expressão: “No Manifesto de Breton ele colocou como pontos principais a ausência da lógica, adoção de uma realidade “maravilhosa” e exaltação à liberdade de criação.” Os maiores artistas plásticos da Escola Surrealista são: Salvador Dali (1904 – 1989), Alberto Giacometti (1901 – 1966), Joan Miró (1893 – 1983), Max Ernst (1891 – 1976), entre outros. Cabe destacar que Salvador Dali foi o mais bem-su-



cedido, criando obras conhecidas tanto dos amantes das artes, como para os que tem pouca afinidade com o estilo. Elenco aqui algumas delas: A Persistência da Memória (1931), aquela que tem um relógio derretido escorrendo pela borda da mesa, Girafa em Chamas (1937), Os Elefantes (1948), Cristo de São João da Cruz (1951) e várias outras de valor monetário e artístico imensurável.

No Dicionário da Pintura Moderna, no tópico sobre o surrealismo, Maurice Reynal (1884 – 1954), escreve que no Tratado da Pintura surrealista, Max Ernst sustenta que “nenhuma condição mental, consciente, de razão, de gosto, de vontade, não é de introduzir-se em obra surrealista absoluta” (p. 331). Por essa razão, numa explosão de criatividade vinda do seu subconsciente, repassados tanto para as suas poesias como para as suas telas, Getúlio Moura produz Artes belíssimas. É um artista irrequieto, multifacetado e de uma visão para além do seu tempo.

Os elementos pictóricos que atestam a sua identidade com o movimento surrealista estão em suas telas como um todo. Analisei três delas, como as mais importantes, a des-



DIMENSIONAL

taçar: Apolo e Vênus (1996), A Espera (1987) e, Dimensional (1988). Esta última, a mais marcante no que se refere aos símbolos abraçados pelo pintor espanhol Salvador Dalí, onde o homem moderno, com trajes para um clima tropical e envolto a uma metrópole totalmente ladeada por uma grande muralha, clama espantado por uma nova vida, ao longe usinas nucleares em forma de ovos. É uma tentativa quase insana de procurar a liberdade nas calmas águas do sertão, mas infelizmente o símbolo da vida e que também pode ser o da morte, o gigantesco ovo, já quebrado a casca, mostra que outros seres nascem e transformam o mundo.

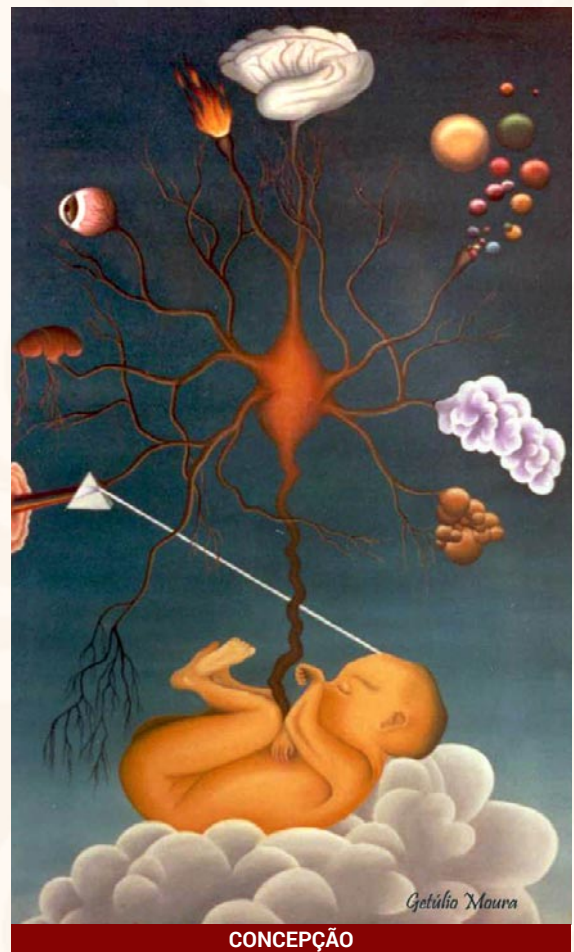
E é assim que escrevo sem muito arroudeio sobre



BRINDE

este valoroso artista potiguar e a sua Arte surrealista. A sua dedicação vai além das suas telas multicores. Desde 1983 que Getúlio Moura tem realizado diversas exposições de pinturas e fotografias, tanto em Macau e Natal, e recebido prêmios no Rio de Janeiro e na Bahia.

A sua variada e incansável dedicação à cultura tem nos ofertado obras brilhantes, como os livros: Operações Práticas na Produção de Petróleo (1995); Instinto Reverso, poesia (1997); A Escola de Macau, poesia (coletivo) (2003); Um Rio Grande e Macau – Cronologia da História Geral (2005) e Antiquíssimo – Pré-história Humana do Rio Grande do Norte (no prelo). Na música, foi um dos fundadores do Grupo Mambembe, de música popular brasileira (1987-2000), ao lado de Tião Maia, Laércio Negão e Chico Mago e com a participação de outros artistas lo-



CONCEPÇÃO

cais como Airton Valentim, Agassis e Yale Clecino. Atualmente desenvolve o registro da flora, da fauna, dos fenômenos e das paisagens do vale do delta do rio Açú; fotografando quase todas as floras silvestres da transição litoral/sertão, das ervas às árvores.

Por essa razão, considero Getúlio Moura Xavier um dos maiores artistas plásticos e multicultural do Estado do Rio Grande do Norte e do Brasil, compondo assim um dos grandes legados da nossa cultura e do nosso patrimônio histórico.



Marinilda Boulay

Artista, curadora e pesquisadora. PhD em Estudos Portugueses e Brasileiros pela Sorbonne Nouvelle - Paris III, França. Presidente do ITC, Instituto Totem Cultural (totemcultural.org.br/expo).



ALTAMIRA BORGES, A NOIVA NA NOITE DE LUAR, NÃO DATADA.
ACRÍLICA SOBRE VELUDO, 33X45 CM.

As mulheres na história das artes visuais brasileiras

Onde estão as mulheres na história das artes visuais brasileiras? Pergunta que nasceu e pede resposta neste mês de março, que no nosso imaginário está situado como sendo o mês das mulheres.

Ao tentar respondê-la, constatamos que ainda hoje, e apesar de esforços no sentido de colocá-las em valor por parte de várias instituições, a maioria dos museus tem uma presença de artistas mulheres em suas coleções muito inferior em comparação aos artistas homens, revelando que a busca pela igualdade de gênero no universo das artes precisa ainda ser superada ao lado de outras questões como o eurocentrismo, o privilégio branco e a heteronormatividade, por exemplo.

Muitas foram as barreiras impostas pela sociedade que impediram as mulheres não apenas de seguirem o caminho artístico, mas também de serem reconhecidas. Opondo-se a este senso comum, assumidamente ou não, algumas mulheres afirmaram-se como artistas e obtiveram reconhecimento como tal. Tarsila do Amaral (1886 - 1973), faz parte em linha de frente da construção da imagem de grandes artistas mulheres na história da arte brasileira, ao lado dela temos Anita Malfatti (1889-1964), ambas sempre citadas tanto quanto os artistas homens, quando se fala de Modernismo, corrente que marcou a renovação das artes no Brasil.

Na arte contemporânea das mulheres artistas que fazem a nossa história da arte, e cujas obras inclusive trazem questões sobre a mulher, marcam presença nesse espaço que nos permite esse artigo, alguns nomes como Anna Maria Maiolino, Lygia Pape, Sonia Andrade, Naine Terena, Renata Felinto e Altamira



MARINILDA BOULAY, "TARSILA DO AMARAL, NAINÉ TERENA E RENATA FELINTO: PARA AS BRASILEIRAS", 2022. TÉCNICA MIXTA SOBRE TELA, 100 X 150 CM

Borges. Anna Maria Maiolino (1942), com uma produção provocadora com viés político. Para ela, uma artista não faz projetos de obras, mas pensa durante a prática do fazer, realizando ali insights e abertura de consciência. Sua obra icônica "Por um fio", corresponde a uma fotografia onde a linha da vida percorre a avó, a mãe e a filha, saindo e entrando da boca de uma na da outra, respectivamente. Lygia Pape (1927-2004), que mesmo não tendo formação clássica em arte, deixou um importante legado marcado pela liberdade na experimentação e manipulação das diversas linguagens. Associada ao movimento neoconcretista, enfatiza em suas obras os sentidos e a interação do público. Em obra feminista de 1976 "Eat me, a gula ou a luxúria" ela trabalha a imagem da mulher como objeto de consumo. A feminista e artista visual Sonia Andrade (1935), é pioneira da videoarte no Brasil. Em seus primeiros videos, chamados "Primeira série" deformou o seu rosto com fios de náyllon, fixou a mão em uma mesa com arame e pregos, realizando essas ações aniquiladoras e dolorosas pretendia invocar com esses videos reflexões sobre práticas de tortura empregadas pelo governo brasileiro durante a ditadura militar de 1964.

Naine Terena (1980), artista, ativista, educadora, pesquisadora dos cantos do povo Terena do Mato Grosso, do qual faz parte. Teve importante papel na mostra "Véxoa: Nós sabemos", apresentada na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2020/2021), abrindo espaço para artistas pertencentes aos nossos

povos originários, protagonistas em seguida da histórica 34ª Bienal de São Paulo (04.09 a 05.12 de 2021). Renata Felinto (1978), artista visual, performer, curadora, educadora e pesquisadora paulistana, atua e leciona no Crato (Ceará). Suas pesquisas giram em torno da construção da identidade afrodescendente por meio das artes visuais contemporâneas, além de trabalhar com o conceito de decolonialismo, e contra a predominância de imagens de mulheres brancas na arte. Mãe solo de duas crianças.

E por fim, entre as artistas populares, ingênuas, autodidatas e primitivas, alicerces de nossa cultura, apontamos Altamira Borges (1932), que festejou seus 90 anos em 2022. Nascida na pequena cidade de Jacaraci, no interior baiano, onde em 1951 se casa no cartório, com a promessa do noivo de um casamento em seguida na igreja com direito a fotos com o vestido de noiva. Ela guarda o vestido durante dez meses e no final desse tempo, como a promessa não foi cumprida, Altamira faz sua primeira performance retalhando o vestido de noiva, que tinge de verde. Começa a pintar tardiamente, e no início, segundo ela, "só sabia fazer noiva e igreja", expurgando através da arte seu trauma de juventude.

Teremos que continuar tecendo muitas laudas, onde bordar a lista de todos os nomes das nossas grandes artistas mulheres, numerosas o suficiente para juntas reverter o domínio do homem na narrativa histórica das artes visuais. Essas mulheres vivem novas formas de lidar com a sociedade e com a arte, vêm provocando a igualdade de gênero na formação de acervos, possibilitando ao público ter contato com a arte produzida a partir do ponto de vista delas, que com persistência e constância escrevem uma nova história das artes visuais brasileiras.



ALTAMIRA BORGES, A NOIVA, 2002. ÓLEO SOBRE DURATEX, 70X33 CM

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 34ª BIENAL DE SÃO PAULO. Disponível em <http://34.bienal.org.br/exposicoes>. Acesso em: 10 fev. 2023
- AVELAR, Ana, "Pontos de contato: processos artísticos sem hierarquias, coletivamente". in Catálogo da Bienal Naífs do Brasil 2020: Ideias para adiar o fim da arte, Sesc São Paulo, 2020.
- BOULAY, Marinilda. Naífs, modernistas contemporâneos, Marinilda Boulay, curadora, Iran Monteiro, fotografia. São Paulo e Socorro-SP, Museu de Arte Sacra de São Paulo e ITC, 2022.
- BRYAN-WILSON, Júlia, curadora: Histórias das mulheres: artistas até 1900. A representatividade da mulher na arte. Disponível em: <https://www.masp.org.br/exposicoes/historias-das-mulheres>. Acesso em 10 fev. 2023.
- FELINTO, Renata. A ideia do naif como estratégia decolonial. in Catálogo da Bienal Naífs do Brasil 2020: Ideias para adiar o fim da arte, Sesc São Paulo, 2020.
- FROTA, Lélia Coelho. "Arte do Povo", disponível em <http://www.museucasadoportal.com.br/sites/default/files/artigos/pdf/Artigo%202%20Lelia%20Coelho%20Frota.pdf>. Acesso em 11 fev.2023
- NAINÉ, Terena, "Véxoa: Nós sabemos" in Catálogo da exposição "Véxoa: Nós sabemos" Pinacoteca de São Paulo, 2020.
- NOCHILIN, Linda, Trad. NONES, Leonardo, "Mulheres, arte e poder". in <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/192874/177769>. Acesso em 11 fev. 2023.
- SANT'ANNA, ROMILDO, "Naífs do Brasil". in Catálogo da Bienal Naífs do Brasil, 1998, Sesc São Paulo, 1998
- SATOU, Danilo. A representatividade da mulher na arte. Disponível em CENTRO CULTURAL SÃO PAULO, <https://centrocultural.sp.gov.br/2020/03/06/a-representatividade-da-mulher-na-arte/>. Acesso em 9 fev. 2023



Adriano Caldas

Organizador

CANÇÃO

(Allan Ginsberg)

O peso do mundo
é o amor.

Sob o fardo
da solidão,
sob o fardo
da insatisfação

o peso
o peso que carregamos
é o amor.

Quem poderia negá-lo?
Em sonhos

nos toca
o corpo,
em pensamentos
constrói
um milagre,
na imaginação
aflige-se
até tornar-se
humano —

sai para fora do coração
ardendo de pureza —

pois o fardo da vida
é o amor,

mas nós carregamos o peso
cansados
e assim temos que descansar

nos braços do amor
finalmente
temos que descansar nos braços
do amor.

Nenhum descanso
sem amor,
nenhum sono
sem sonhos
de amor —
quer esteja eu louco ou frio,
obcecado por anjos
ou por máquinas,
o último desejo
é o amor
— não pode ser amargo
não pode ser negado
não pode ser contido
quando negado:

o peso é demasiado

— deve dar-se
sem nada de volta
assim como o pensamento
é dado
na solidão
em toda a excelência
do seu excesso.

Os corpos quentes
brilham juntos
na escuridão,
a mão se move
para o centro
da carne,
a pele treme
na felicidade
e a alma sobe
feliz até o olho —
sim, sim,
é isso que
eu queria,
eu sempre quis,
eu sempre quis
voltar
ao corpo
em que nasci.

ENTARDECER DA ÁRVORE DO TEMPO

(Erivan Lira)

No entardecer uma árvore desponta,
Sua exuberância atinge a íris,
Me deleito na sua copa.

Um céu deslumbrante reluz seus galhos,
Sua resiliência traduz a força do tempo.

Raízes profundas lhe
Sustentam
Ventos fortes enfrentastes
Te mantiveste firme.

Não deixaste o homem predador te combalir,
Elevastes e destes sombras,
Àqueles que cansados estavam.

Agasalhaste aves e insetos nos teus ramos,
Foste aconchego para os transeuntes.

Continuas soberana
Forte e enraizada.
Tua crosta, enrijeceu teu caule.
És opulência
Não te deixas vencer
Marcas teu espaço.

Quanto entardecer virão,
Firme te manterás
Consolarás a muitos
Pois tua seiva é vida
Tu és Árvore!
Tu és o Tempo!



(Pe Murilo)

Ontem as flores ficaram murchas,
Terroristas quebram tudo
Ah! Praça dos três poderes:
Apenas pouco mais de uma década do povo;
Agora a praça está nas mãos dos pequenos -
Não toda, mas o todo,
Empavorosa segue a classe dominante,
Terroristas - 64 mil litros de gasolina
Para explodir o aeroporto de Brasília,
- quantos teriam sido assassinados ...
O capital é perverso, herodiano....
Mas, Deus não permitiu!
O bom é, que as flores de hoje
Acenderam a alegria da primavera de janeiro,
Ah! Primavera de fevereiro e a vida inteira!
As flores murcham, as ramas e ramadas continuam acesas!
Novas flores para tempos democráticos!

Parnamirim - RN, 10.01.2023

ODE EMERGENCIAL

(Horácio Paiva)

Agora que já não acreditas em caminhos impossíveis
Mesmo nos emergentes como aquele
De que mais falas: o da paixão
Por que te surpreendes com a ousadia da noite
Que do acaso emerge
E como sibarita da volúpia
Te arrebatam o olhar o desejo e o sonho?

Jamais queiras autenticar impossibilidades
Pois o mundo te surpreenderá
Tomado hélas pelo desastre
Embora também lhe caiba representar
O beijo das graças -
O lado alegre da fortuna

Em toda impossibilidade
Há uma possibilidade do ser
Que se manifesta nos sortilégios do vir a ser
E que faz da impossibilidade
Jazigo apenas temporário
De sua própria possibilidade

Sob o êxtase profético formatas o amanhã
E julgas adivinhar teus passos no escuro
Mas logo em vão te comoves
Na contrariedade das lágrimas
Ou na alegria coroada de luz

Convém pois que absorvas
Impassível o sim e o não
Nunca como anjos do bem e do mal
Mas como unidade harmônica
Do élan vital que move o próprio ser

E se das nuvens chegar o anúncio
Ditado pelas chagas da memória
Do dilúvio iminente
Que te coloca na rota dos abismos
Finge no colo da verdade
Dominar a arte da ausência
E não te deixes levar pelo medo

Que não percas em momento algum
a consciência do fantástico
Nem a doçura e o encanto de teu lirismo

DA JANELA*(Saddock Albuquerque)*

Dançando na chuva,
Os bêbados piruetavam imitando Gene Kelly.
Porque naqueles homens de passos
Atrapalhados
havia uma memória antiga de espelho.
Se o corpo caía, os estilhaços,
em mil e um pedaços,
passavam a atingir o mundo inteiro.
Mas tudo cessava,
A chuva, a dança e o espaço ferido,
e tudo se recolhia ao silêncio da tarde fria,
aos relevos e bálsamos das nuvens que se
franziam.



Adriano Gray

Artista gráfico e escritor, mestre em ciências sociais pela UFRN



A paixão segundo Rilke

*"Sem paz, sem amor, sem teto,
caminho pela vida afora.
Tudo aquilo em que ponho afeto
fica mais rico e me devora."*

Nem diante de ti serei eterno diz o poeta. A paixão que nos arrebatava e consome está mais próxima do sonho do que a vil realidade. "Como suportar, como salvar o visível, senão fazendo dele a linguagem da ausência, do invisível?". Nossos sonhos alimentados por orquídeas de sangue, tão confiantes da sua força e esplendor, mas ao mesmo tempo frágeis e pueris que se desvanecem na nossa angústia de querer ser correspondido em nosso amor. Assim foi a paixão segundo o jovem poeta Rilke pela escritora Lou Andreas-Salomé, tão arrebatadora como incerta, variando como o humor do próprio poeta, da euforia à depressão, segundo suas próprias palavras: "mil horas de angústia e espera atenta, observadora do objeto amado". Apesar da sua brevidade, de apenas alguns anos, continuaram amigos e correspondentes pela vida inteira sendo de fundamental importância para o amadurecimento de Rilke, levando a tornar-se um dos maiores nomes da literatura alemã.

Grandes esperanças

O primeiro encontro entre os dois aconteceu em 1897, quando Salomé estava em Munique de férias com amigas. Rilke era um jovem poeta de 22 anos que já havia publicado apenas alguns livros como: *Vidas e Canções* e *Coroados de Sonhos*. Salomé tinha 36 anos e já era uma escritora de renome. Em princípio Rilke se estabelece em Munique com o intuito de completar seus estudos acadêmicos na universidade de Munique, contudo o que realmente almejava era exercer sua arte literária e também de ampliar seu círculo de amizades no meio artístico, pessoas com quem pudesse discutir sobre poesia, filosofia e arte, encontrando na figura de Salomé a pessoa central para isso. Dado ao caráter passional do poeta, rapidamente o interesse social se torna em sentimento passando a escrever cartas para ela de forma recorrente.



Neste processo surge uma atração irresistível física e espiritual que o leva a investir com tamanha energia e força lírica na tentativa de conquistá-la, na forma de poemas e cartas apaixonadas, que Lou mesmo com toda sua experiência amorosa e solidez in-

telectual sente-se atraída e certamente embevecida por todo esse devotamento. Qual mulher não sentiria o mesmo sendo o alvo do amor e musa inspiradora de tantos versos brilhantes? Deste tempo em Munique suas afinidades poéticas se somavam aos sentimentos que possuíam,

tornando-se elos sólidos de admiração e reconhecimento mútuo de suas capacidades intelectuais

O auge da sua paixão se deu em uma pequena cidade localizada na alta Baviera chamada de Wolfratshausen onde o casal se refugia em uma casa de camponeses com a presença dos amigos Frieda Von Bulow e August Endell

provavelmente para manter as aparências dada a condição de casada de Lou. Esse lugar idílico foi perfeito para viverem sua lua de mel. Tendo Lou como sua amante e professora, Rilke entra em contato pela primeira vez com a real beleza e simplicidade da natureza, afastando-se das versões idealizadas dos seus primeiros poemas. O período de lua de mel, porém termina após três meses com a chegada do marido de Lou, Andreas na cidade impondo aos amantes a discricção necessária e habilmente conduzida por Salomé. Ao que parece dada a ausência de conflitos seu esposo não o via como objeto de ciúmes.

Um outro momento decisivo na vida do casal acontece quando viajam para Rússia terra natal de Lou, lugar que havia sido objeto recorrente de estudos de Rilke (por sugestão da própria Lou) e que se transformou em uma profunda descoberta espiritual para ele. A presença de uma multidão de fiéis em Moscou para celebração da Semana Santa, seus cânticos de

louvor e devoção, o povo simples, mas de uma fervorosa fé ortodoxa impactou na memória do poeta como a forma mais pura de experiência religiosa. Para ela, o retorno a sua terra natal podendo reviver tais sensações com seu amado, por um breve momento a fez pensar que seu relacionamento por Rilke poderia ser possível em um nível mais elevado e duradouro. Para ele sua confiança em seu talento como artista e no sucesso do seu relacionamento chegou ao seu ápice, chegando mesmo a pensar que poderia convencer a amada a desistir de seu casamento e vir a ter um filho dele.

Após essa auspiciosa viagem à Rússia houve um breve intervalo de tempo marcado por um renovado período de estudos em russo, desta vez com tanto afinco e perseverança que o poeta se torna apto mesmo a escrever poemas neste idioma. Além dos estudos o casal retorna a Berlim onde se preparam financeiramente para uma segunda e decisiva viagem à Rússia, seria o início do fim.

“
o povo simples, mas de uma fervorosa fé ortodoxa impactou na memória do poeta como a forma mais pura de experiência religiosa
”

As ilusões perdidas

Chegados na Rússia, Lou decide visitar os seus familiares em São Petersburgo, mas informada que a família estava na sua residência de verão em Rongas na Finlândia, dirige-se para lá, enquanto Rilke permanece a contragosto em São Petersburgo. Essa separação além de irritá-lo, fez com que escrevesse uma decisiva carta em que expõe toda a sua fragilidade emocional. A carta foi muito mal recebida por Salomé, em um momento em que ela estava finalmente em casa avaliando vários aspectos do seu passado e projetando seus passos para o futuro. Mesmo

com os pedidos de desculpas por Rilke, alegando um momento de desespero, a verdade é que a sua insegurança e angústia extremada preocupavam sobremaneira a Salomé que temia pela saúde mental dele.

Dois fatores principais levam a Lou a decisão de por fim ao relacionamento, mesmo com toda a ternura que possuía por ele. Em primeiro

lugar ela sempre se sentiu responsável e protetora tanto no aspecto profissional, condicionando-o aos estudos e a uma disciplina intelectual que a sua visão mais pragmática e realista da vida exigia, quanto no aspecto emocional pois já havia experimentado perdas na sua vida e por este motivo não suportaria que o mesmo acontecesse com ele.

O segundo fator, talvez o mais importante foi que retornando ao seu lar depois de tantos anos longe, Salomé percebeu de forma clara o tanto que tinha conquistado em sua vida, saindo da Rússia como uma jovem inexpe-

riente que queria conquistar o mundo, o seu ciclo então, estaria naquele momento completo, pois se tornara uma intelectual vivida e respeitada, que não precisaria e nem mesmo objetivava estar 'presa' em nenhum relacionamento para se sentir feliz, o próprio Nietzsche que havia sido seu amante anteriormente falava sobre a aparente frieza emocional



dela. O fato é que Lou sempre colocou como prioridade sua autonomia tão arduamente conquistada em detrimento de um romance.

Mas não o fim, hélas que fosse, apesar do senso de fracasso por parte de Rilke e suas inconstâncias emocionais que o levou ao quase esgotamento, chegando mesmo a uma tentativa equivocada de casamento com a escultora Clara Westhoff, passada a tempestade entre os dois Rilke retoma a relação



com Lou, não mais como amantes, mas sim como amigos íntimos e confidentes, algo que foi habilmente construído por ela, sempre aconselhando e conciliando seus ferveores.

Salomé assume esse papel de conselheira, quase mãe nos momentos mais difíceis da vida do poeta Rilke, mitigando suas dores e animando-o em suas depressões, mas é preciso dizer também, testemunha primeva e musa de suas mais altas esferas como neste poema do Livro de Horas:

“Tira-me a luz dos olhos: continuarei a ver-te
Tapa-me os ouvidos: continuarei a ouvir-te
E embora sem pés caminharei para ti
E já sem boca poderei ainda convocar-te
Arranca-me os braços: continuarei abraçando-te
Com o meu coração como com a mão
Arranca-me o coração: ficará o cérebro
E se o cérebro me incendiaries também por fim
Hei-de então levar-te no meu sangue “.



Horácio Paiva

Poeta, escritor, advogado, membro do Instituto Histórico e Geográfico do RN, da União Brasileira de Escritores do RN e presidente da Academia Macauense de Letras e Artes – AMLA

Um espelho encantado para Macau

O espelho é uma das faces mais atraentes e inspiradoras da realidade... E tema permanente na agenda milenar dos exploradores do imaginário.

Aliás, é de Jorge Luis Borges, genial escritor *hermano*, a quem fascinavam os espelhos, esse achado de busca interior: *“Somos nossa memória, somos esse quimérico museu de formas inconstantes, esse montão de espelhos rompidos.”* E essa quadra encantadora:

*“Por vezes à noite há um rosto
Que nos olha do fundo de um espelho
E a arte deve ser como esse espelho
Que nos mostra o nosso próprio rosto”*

O propósito do espelho é refletir. Mas todo espelho é obra de encantamento. Há dias tenho permanecido diante de um espelho encantado. Adentrá-lo seria participar da magia ou virtuosismo, e a senha, o “abre-te sésamo”, conduziria a sensibilidade à imaginação.

Aliás, muitos são os espelhos que acolhem as luzes da vida, e este, ao qual me re-

porto, reflete um berço, o espaço íntimo e geográfico em que muitos viveram ou vivem, onde eu próprio nasci e me reconheço: a Ilha de Macau, no delta do Piranhas, rico tema desenvolvido, com todo seu aporte de belezas, pela alma lírica do poeta, também macauense, **SADDOCK DE ALBUQUERQUE**, em seu livro de estreia, **O ESPELHO DA ILHA**.

Obra singular e original, compõe-se de um único poema: uma epopeia lírica subdividida em vários blocos temáticos.

E como ali se desenrola a história sentimental da Terra do Sal, a sua gênese está nas salinas, no toque divino que dotou Macau de *“alvas e esplêndidas salinas, as melhores salinas do universo”*, como anuncia o canto imperecível do poeta Edinor Avelino.

Et dixit Saddock, entre mar e céu, de suas mãos brotando o voo dos pássaros:

*“Vendo que tudo era Arte,
Deus escreveu um libreto de sinos adormecidos
e relógios naufragados,
um caminho molhado de sonatas e sonetos,
e com ele fez o tempo.
E foi a manhã e a tarde: o primeiro dia.
E Deus disse: Faça-se um mundo tão branco
que o branco mais branco pareça cinza.
E assim nasceu a salina.
Então a salina, branquíssima e deserta, passou
a inventar-se.
Primeiro desenhou o moinho e o vento,*

depois pintou o sol e o mar.

*“E numa noite de fantasia, quando a lua beijava o rio,
esculpiu a ilha, seu espelho e poesia.”*

Ao adentrar o Espelho, o que mais chama a atenção nessa aventura lírica de Saddock?

A intimidade diáfana com a alma de Macau ou a própria alma desse aluno de Orfeu, nascido, criado e também retratado nesse vale de pirâmides e cataventos?

A originalidade da escrita, sem dúvida incontestável?

Ou, enfim, a valorização da metáfora, trabalhada com zelo e maestria, que traz ao poema, ao lado de seu valor estético, a expressão de renovada modernidade, não obstante conjugada com ecos de antigo mas enriquecedor e nunca ultrapassado ultraísmo?

Na verdade, havia em Saddock a ideia de capturar em versos Macau, sua alma e sua palma. Mas foi

além: mago das metáforas e com a ajuda de suas próprias reminiscências, construiu uma obra aberta ao imaginário do leitor.

Cumpre-se, nele, o que encontramos nesses excertos dos “Fragmentos” de Novalis, original pensador e poeta romântico alemão: *“Se, como existe uma lógica, tivéssemos uma Fantástica, ter-se-ia descoberto a arte de inventar. A Poesia é talvez a mais importante fonte do diálogo do homem com Deus. O poeta cria de novo o mundo para os homens e essa criação é obra de conhecimento.”*



POETA E ADVOGADO SADDOCK DE ALBUQUERQUE



Fábio di Ojuara

Escultor e artista plástico

Restauração do monumento MIGUEL CARRILHO

Miguel Carrilho de Oliveira foi um empresário Potiguar que tinha como hobby o esporte de pescar, ele foi o sócio fundador do Pâmpano Esporte Clube localizado na Praia do Meio em Natal-RN. Por volta do ano de 2002 a então prefeita Vilma de Faria resolveu homenagear Miguel Carrilho, plantando sua estátua em frente ao clube. De lá para cá ela foi se deteriorando, tanto pelo tempo quanto pelo desprezo do poder público. Eu, Fábio Di Ojuara, e também escultor, tive a honra de ser convidado pela sua filha Miriam Carrilho a restaurar a tão imponente estátua do seu pai, cartão postal da Praia do Meio e da cidade do Natal.

Executei a restauração. Hoje a estátua do Sr. Miguel Carrilho está bela e novíssima para o deleite público e turístico da nossa cidade. Ressalto, portanto, e parabênizo a senhora Miriam Carrilho pela sua nobre atitude em mandar restaurar tão importante monumento público.

- "O PESCADOR MIGUEL CARRILHO", escultura confeccionada pelo saudoso escultor cearamirinense Etevaldo Santiago. Nesta foto abaixo de Bruno Ferraz, vemos a escultura de frente ao Pântano Esporte Clube de Natal, já em estado caótico.

Outras fotos do estado da imagem da escultura antes da restauração



Fábio di Ojuara ao lado da escultura restaurada.

De Miriam Carrilho recebo esta carta de agradecimento, que neste veículo importante para as artes do RN faço questão de divulgar:

“Agradeço a Ojuara, artista excelente e reconhecido, o trabalho mais que perfeito da restauração da estátua em homenagem a papai. Um homem que só foi alfabetizado aos onze anos, porque o seu pai tinha uma fazenda no interior de Catolé do Rocha, na Paraíba, vinte filhos, sendo apenas quatro homens. As mulheres cuidavam da casa e da comida, e de buscar água na cacimba, e de lavar as roupas de todos no riacho. Para alimentar a família era preciso lavrar a terra, cuidar dos carneiros e das galinhas - fontes de alimentos e de uma pequena renda com o que sobrava. Em 1928 houve um surto de febre tifóide que dizimou, em três meses, seis membros da família. Ele foi atacado, mas conseguiu se salvar. Ficou fraco, emagreceu, os cabelos rarearam. Com isso pôde ser poupado do trabalho pesado, para se recuperar. Nesse meio tempo, apareceu em sua casa um viúvo, cuja esposa havia sido tragada pela doença. Buscava uma noiva para ajudá-lo a criar os filhos. José Marinheiro, como era conhecido o seu pai, pediu que as filhas se apresentassem ao pretendente. O cabra escolheu a mais nova. Menos de quinze anos. Ela



Miriam Carrilho

começou a chorar. Ainda era muito apegada à família. Ato contínuo, o viúvo botou a mão no bolso, retirou um lenço perfumado e o entregou à pretendida. Houve um rebuliço na sala. O perfume era tão inebriante que todos ficaram inquietos. Papai contava que só conhecia o cheiro da terra molhada de chuva, coisa rara no sertão, as cravinas que a mãe cultivava numa panela de barro, e o bugari. Mas aquele cheiro que invadiu a sala não parecia com nada que conhecia. Viajou pelas galáxias, imaginou-se um mago do perfume.

Começou a matutar. E a perguntar a uns e outros o que era preciso pra ter um cheiro daqueles dentro do bolso. Disseram-lhe que só se estudasse. - E o que é isso?

Fugiu de casa com o apoio da sua mãe. Uma muda de roupa, metade de um queijo de coalhõ e duas rapaduras. Uma cabaça cheia de água. Montou na burra Boneca. Saiu a pedir arrancho - conhecia este costume - foi para Apodi, onde um meio irmão o apoiou. Joaninha de Benvinda tirou as vendas da sua cegueira.

Obrigada Ojuara.”



Casa da fazenda Lages, em Catolé do Rocha, onde o pai de Miriam nasceu e viveu bons anos da sua vida.

Depois da restauração o monumento do sr. Miguel Carrilho pode mais uma vez respirar alegria e proporcionar aos visitantes daquela praça uma visão de zelo e cuidado com a nossa história. Esperamos que o poder público possa continuar com a tarefa de preservação da estátua para as gerações vindouras.



Miguel Carrilho com seus maiores troféus

Além da praça Miguel Carrilho, na Praia do Meio, há o residencial Miguel Carrilho, na rua Açú no Tirol, o Ginásio de esportes Miguel Carrilho de Oliveira em Pium, Parnamirim-RN, que homenageiam o empresário. O próprio Carrilho em 1999 publicou o livro: Profissão Pescador.

